

**“Torcidas”, “barras”, “hinchadas”,
“hooligans” e “ultras”,
uma caminhada científica entre
América Latina e Europa**

■
*Torcidas, barras, hinchadas,
hooligans y ultras,
un camino científico
entre América latina y Europa*

Bernardo Buarque de Hollanda

PERSPECTIVAS.
PERSPECTIVAS.
PERSPECTIVAS.
PERSPECTIVAS.

Notes de recherche américanistes

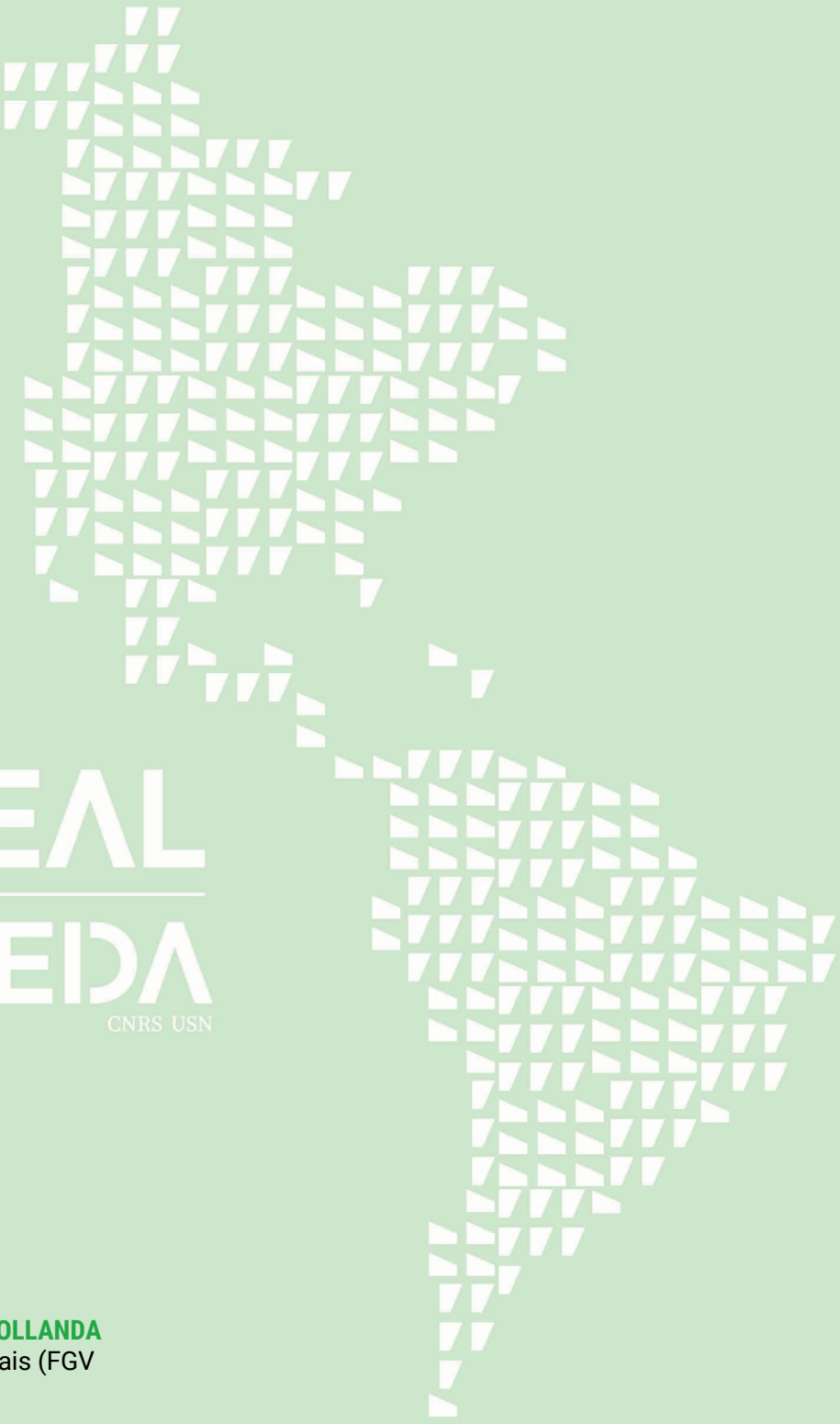
09.2023 / n° 6

PERSPECTIVAS.

Éditions de l'IHEAL, Directrice de la publication : Camille Goirand

DOI : <https://doi.org/10.35008/perspectivas-0006>

ISSN : 2740-6075



ÍHEAL CREIDA

UMR 7227 CNRS USN

Bernardo BUARQUE DE HOLLANDA

Escola de Ciências Sociais (FGV
CPDOC) - Brasil

Bernardo Buarque est docteur en histoire sociale de la culture de la Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio ; Brésil). Son premier livre s'intitule *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego* (Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional, 2004). Il a séjourné dans différentes universités européennes comme chercheur invité : à la fondation Maison des sciences de l'homme (FMSH-Paris) en 2009, à l'université de Birmingham (Royaume-Uni) en 2018, au Centre international d'étude du sport (CIES-FIFA) en Suisse. Il a été chercheur invité à l'Iheal-Creda en 2022.

**“Torcidas”, “barras”, “hinchadas”,
“hooligans” e “ultras”, uma caminhada
científica entre América Latina e
Europa**



Torcidas, barras, hinchadas, *hooligans*
y ultras, un camino científico entre
América latina y Europa

Bernardo BUARQUE DE HOLANDA

Escola de Ciências Sociais (FGV-CPDOC),
Brasil

Bernardo.Hollanda@fgv.br

RESUMO

O presente artigo consiste em um levantamento intercontinental do fenômeno associativo das “torcidas” organizadas, agrupamentos de torcedores que se estruturam para o apoio aos clubes de futebol profissionais ao redor do mundo, tendo por epicentro times localizados na Europa e na América do Sul. Este apanhado enfoca a presença e as características destes grupos de aficionados em estádios europeus e latino-americanos na contemporaneidade, por meio de uma reconstituição histórica, sociológica e antropológica de suas características principais nesse conjunto de países. Tal descrição e análise procura fazer um balanço da literatura especializada sobre o tema, identificando pesquisadores que trataram de maneira ampliada e comparada os casos nacionais e regionais de cada continente. A revisão bibliográfica permite assim um mapeamento de organizações denominadas pelas categorias nativas “torcidas”, “barras”, “ultras” e “hooligans” em diversos quadrantes continentais. Com efeito, ao final do texto, tem-se uma visão de conjunto contemporânea do perfil de tais agremiações, com um enquadramento que salienta aspectos culturais, políticos e sociais capazes de ensejar comparações e sintetizar um esforço acadêmico coletivo de compreensão de associações juvenis que se estabelecem ao redor do clubismo e do profissionalismo futebolístico, mas que via de regra são estigmatizadas e consideradas como as principais responsáveis por atos transgressivos e violentos dentro e fora das arenas esportivas.

Pour citer ce texte :

Bernardo BUARQUE DE HOLANDA, “Torcidas’, ‘barras’, ‘hinchadas’, ‘hooligans’ e ‘ultras’, uma caminhada científica entre América Latina e Europa”, *Perspectivas. Notes de recherche américanistes*, nº 6, Aubervilliers, Éditions de l’IHEAL, septembre 2023.

PALAVRAS-CHAVE:

“TORCIDAS” DE FUTEBOL,
AMÉRICA LATINA,
EUROPA

INTRODUÇÃO

O continente europeu e a região latino-americana assistiram, antes que outros, à difusão, ao desenvolvimento e à estruturação do futebol no mundo contemporâneo ao longo do século XX. Em sua esteira, seus equipamentos esportivos foram projetados com maior grandiosidade para atender ao crescimento de interesse pelas competições futebolísticas. Com a passagem do tempo, os estádios presenciaram a formação de um público de espectadores mais ativo, com a fixação de agrupamentos de fãs de futebol, movidos pelo que o geógrafo inglês John Bale [1993] chamou de “topofilia” [Atasoy, 2020]. Estes torcedores, por sua vez, estruturam seu associativismo juvenil em torno da identificação e do pertencimento a clubes profissionais de suas cidades e de seus países.

De modo proporcional à expansão e à consolidação desses grupos associativos, catalisados pelo vínculo clubístico no universo competitivo e agonístico do esporte, as “torcidas” de futebol foram alvo de atenção dos meios de comunicação de massa ao longo do tempo. Em determinados momentos, as notícias ordinárias, mais interessadas em aspectos pitorescos do torcedor, revelaram uma preocupação crescente com o aspecto comportamental dessas “torcidas”. A atenção direcionou-se à problemática do comportamento transgressor em grupo e à codificação de rixas seguidas de brigas, distúrbios e incidentes, seja com a polícia seja com os rivais de clubes oponentes. No limite, as rivalidades “inter-torcidas” precipitaram tragédias e situações dramáticas ocorridas nos estádios, já em fins do século passado.

A responsabilidade atribuída ao segmento de torcedores organizados por conflitos fatais e casos extremos, pela exacerbação de hostilidades e pela radicalização das práticas de intolerância tem, desde os anos 1980, acionado as autoridades governamentais, esportivas e jurídicas. Estas são instadas a encontrar meios de contenção de atos considerados transgressivos à ordem pública, a recorrentes atitudes antissociais e antidesportivas dentro e fora das praças de esportes. A judicialização das “torcidas” é, por via de consequência, um fenômeno emergente no século XXI e tem sido a principal estratégia de coibição das entidades torcedoras, que vivem e experimentam um limbo entre a legalidade e a ilegalidade no acompanhamento de seus clubes em torneios e campeonatos locais, quer seja em escala nacional ou internacional. A compreensão da ação e dos valores coletivos das “torcidas” organizadas, bem como o entendimento das características sociais, políticas e culturais reivindicadas por tais associações foram a contrapartida do meio acadêmico em face desse cenário tenso, conflitivo

e polarizado. A atitude compreensiva tem sido desde então a tônica da academia no tratamento do tema, com restrições ao modo como a mídia enquadra e generaliza, de forma superficial, a totalidade dos integrantes desses grupos. De maneira análoga, os pesquisadores em sua maioria criticam as medidas adotadas pelos órgãos responsáveis, via de regra pautados por uma ótica normativa e repressora, de cunho meramente penal e policial. A perspectiva crítica também se manifesta perante a tendência contemporânea de elitização econômico-social das arenas, uma das estratégias para alijamento dos estádios desse segmento juvenil de torcedores.

As pesquisas científicas nas áreas de ciências sociais e humanas foram assim surgindo, se estabelecendo e se conformando, *pari passu* ao crescimento quantitativo e à importância assumida pelas “torcidas”. Trata-se de um efeito reativo derivado da própria repercussão na mídia e do modo, a seu ver errôneo, do encaminhamento de soluções ao problema pelos poderes competentes. Em geral, como é recorrente com outros objetos de pesquisa, o interesse dos investigadores começou pelo contato travado em suas observações e experiências locais, com foco dirigido ao público-alvo de torcedores de sua cidade e de seu país. O aprofundamento de monografias e do estudo de casos nacionais foi um traço recorrente nas pesquisas, dedicadas a responder às especificidades históricas e aos desafios do debate público vivenciados em seu cotidiano pela imprensa local.

As dinâmicas das “torcidas”

Observa-se que, após uma série de publicações dos autores da primeira geração consagrada ao assunto, o amadurecimento e a sucessão geracional dos pesquisadores dessa subárea de estudos do esporte e do futebol levaram a novos questionamentos e discussões. Em parte, elas extrapolaram as fronteiras do próprio país ou do campo de vivência mais direto, por meio de pesquisas comparadas ou mesmo pela incursão a outras realidades menos familiares a seu universo original. O avanço das pesquisas sobre a problemática das “torcidas” conduz ao questionamento do paradigma, por assim dizer, “naciocêntrico” de boa parte dos trabalhos [Correia, 2018]. Isto também ocorre porque uma das dimensões recorrentes ao se tratar das “torcidas” tem sido a temática das trocas culturais e das influências de modelos e das diferentes formas de torcer ao redor do globo, que ao mesmo tempo se intensificam e se entrelaçam, se nivelam e se diferenciam em face de um futebol progressivamente espetacularizado.

Já no século XX mencionava-se a existência de matrizes difusoras de subculturas torcedoras em escala intercontinental. No presente século, elas adquiriram uma feição global. Tornou-se lugar comum falar de estilos nacionais de torcer tendo como base, na Europa, a Inglaterra dos “hooligans” e a Itália dos “ultras”, e na América Latina, a Argentina das “barras”. Os cânticos e as coreografias, as formas de organização – mais institucionalizadas ou mais informais –, a maior ou menor predisposição aos confrontos físicos, a violência como recurso material ou como jogo simbólico de linguagem, a justificativa de seu uso, instrumental ou não: todas essas alternativas demarcaram as singularidades e as identidades próprias ao universo nativo. Este último vem se autonomizando diante do futebol profissional e tem produzido variantes de país a país, de cidade a cidade ou de “torcida” a “torcida”. Nos aproximamos do que o antropólogo argentino Néstor García

Canclini [1997] chamou de “culturas híbridas” na modernidade, com especial atenção para o contexto da cultura popular na América Latina, resultante da mescla de matrizes autóctones e forças civilizatórias exógenas, sob o influxo da indústria cultural.

Em consonância com a mundialização [Ortiz, 2003] do futebol contemporâneo, as “torcidas” atingiram uma envergadura global, proporcionada pelas facilidades da circulação de informação, pela intensidade dos fluxos de deslocamento físico, pela comunicação à distância entre os grupos via redes sociais e pela apropriação de conteúdos, de formas e de nomenclaturas de torcer de outros contextos, em processos que também em antropologia, desde o legado de Lévi-Strauss em *O pensamento selvagem* [1990], se convencionou chamar de bricolagem. Se até o século XX esta situação era mais evidente na Europa e na América Latina, no presente século trata-se de uma realidade igualmente válida para a dinâmica associativa das “torcidas” no norte da África, na Ásia, na Oceania e mesmo na América do Norte.

Os esportes em geral, e o futebol em particular, foram favorecidos pela flexibilização das fronteiras entre países nas últimas décadas. Competições continentais do porte da Champions League e da Taça Libertadores da América têm sido corolários ou expressões particulares desse processo mais amplo. Como tal, são cada vez mais valorizadas no decorrer das últimas três décadas pelas ligas, pelos canais midiáticos de transmissão, pelos clubes, pelos patrocinadores, pelos torcedores etc. Em paralelo, tais disputas internacionais contribuem para mais traslados de seguidores de agremiações clubísticas, para novas circulações e trocas de informação entre grupos organizados, com a construção de novos códigos internacionais de amizade e inimizade entre as “torcidas”. O livro *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon* [Dunning, 2002] é um dos primeiros a assumir tal perspectiva pluricontinental, dedicando-se de maneira sistemática e exclusiva a uma apreensão mais abrangente da difusão internacional das subculturas torcedoras ao redor do mundo. A coletânea, organizada por Eric Dunning, sociólogo britânico, discípulo de Norbert Elias, em parceria com mais três pesquisadores, reúne estudos de caso sobre catorze países do globo – África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Estados Unidos, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Japão, Peru, Portugal e República Tcheca. O trabalho deriva das investigações da Escola de Leicester, informada pelo repertório conceitual do sociólogo Elias. A partir dos anos 1980, a referida escola dedicou-se a compreender com sistematicidade sociológica o hooliganismo inglês. A publicação de *Fighting fans* no início do século XXI constitui por certo uma continuidade, mas também uma inflexão na abordagem, ao refutar a exclusividade inglesa do fenômeno e ao reconhecer outras temporalidades e outros processos histórico-sociais em que o comportamento juvenil, masculino e gregário em torno do futebol profissional se manifestou. Passadas duas décadas dessa publicação, uma série de outros trabalhos tem vindo à tona com a mesma abordagem comparativa [Spaaij, 2006; Ranc, 2012], valendo-se de uma escala internacional para cotejar as práticas e as representações das “torcidas” organizadas de distintos países, a fim de identificar similaridades e diferenças.

Uma abordagem regional e transversal

A proposta do presente artigo¹ vai ao encontro desse terreno de discussão e procura trazer sua contribuição nesse sentido. O primeiro contributo pretendido consiste em um apanhado representativo da melhor produção acadêmica sobre o tema nos dois “continentes”.² O recorte continental explica-se pela opção de dar foco a apenas duas regiões e assim evitar a dispersão analítica. A segunda contribuição pretendida para este artigo concerne à extrapolação de estudos restritos a casos nacionais, salvo duas exceções, Brasil e México, com uma abordagem ao mesmo tempo regional e transversal, apreendida em conjunto, capaz de levar em consideração a relação de proximidade, mas também de distanciamento, entre “culturas” torcedoras de países vizinhos. A geografia e a dinâmica de trocas espaciais são dimensões valorizadas nos estudos reunidos neste texto, no intuito de se somar aos elementos históricos, sociológicos e antropológicos tradicionalmente abordados.

Dessa forma, este artigo procura mapear a bibliografia contemporânea, ao abranger as duas regiões mencionadas e ir além do tradicional paradigma nacional na abordagem das “torcidas”. Buscaram-se obras de especialistas reconhecidos pela produção intelectual no assunto, de modo a propiciar, quando possível, a integração entre pesquisadores dos países vizinhos abordados. Esta característica parece-nos contribuir para o avanço do conhecimento acumulado sobre as associações torcedoras no século XXI. Como acontece em todo apanhado científico, trata-se de um quadro provisório, nunca acabado, que reflete o estado da arte e um retrato da conjuntura atual. O propósito didático e sistêmico é seguir uma ordenação convencional das regiões, de modo a apresentar a divisão e o conjunto de países, de acordo com os critérios políticos, econômicos e sociais que se enquadram na atual ordem geopolítica global. Isto porque, por ser um trabalho de balanço da literatura, tem por finalidade a difusão científica, procurando contribuir para formar uma nova geração de investigadores da graduação e da pós-graduação. Por fim, cabe também um olhar retrospectivo sobre o conteúdo e a originalidade aportada em cada área geográfica abarcada.

Para tanto, dividimos a apresentação do mapeamento da realidade torcedora contemporânea nas duas grandes regiões. Estas, por sua vez, assistem em sequência à divisão das sub-regiões constitutivas da Europa e da América Latina. A primeira parte é dedicada às análises das “torcidas”, “barras” e “hinchadas” latino-americanas – entre aspas, pois se trata de nomenclaturas nativas –, seguindo uma divisão regional e político-administrativa tradicional, como forma de agrupar e dar organicidade, bem como de observar as trocas e a conformação de uma unidade capaz de integrar e transpor fronteiras nacionais. Os mesmos

^{1/} Este texto é fruto de uma temporada de dois meses como pesquisador visitante no Centre de recherche et de documentation sur les Amériques (CREDA-UMR 7227, CNRS/université Sorbonne nouvelle) e do Institut des hautes études de l'Amérique latine (IHEAL), em 2022-2023. O levantamento apresentado aqui decorre de desdobramentos de pesquisas anteriores [Hollanda & Reis, 2014; Hollanda & Aguilar, 2017; Hollanda & Busset, 2023].

^{2/} Refiro-me nesses termos à Europa e à América Latina, ciente de que, a rigor, esta última não pode ser designada como continente. Para uma visada futebolística continental, e do trânsito europeu e latino-americano, ver Archambault [2013].

critérios valem para a segunda parte, desta feita voltada para o enquadramento dos chamados “ultras” e “hooligans” europeus, organizado conforme a geografia e as relações vicinais entre os países do continente. Com efeito, o mapeamento da América Latina nos permitiu identificar cinco subáreas de manifestação das “culturas torcedoras”, ao passo que a Europa se destaca com oito regiões identificáveis nessa proposta de mapa regional das “torcidas” na contemporaneidade.

“TORCIDAS”, “BARRAS” E “HINCHADAS” NA AMÉRICA LATINA: IDENTIDADES DE BAIROS EM CONTEXTOS VIOLENTOS

O paralelismo dos casos da Argentina e do Chile

Na América Latina do século XXI, identificam-se cinco pontos territoriais de força para a prática do futebol e para o desenvolvimento das “culturas torcedoras” no Cone Sul do continente. Nele, avultam os trabalhos da antropóloga Verônica Moreira e do psicólogo Rodrigo Soto-Lagos [2013] – uma argentina e um chileno – que se debruçam sobre o paralelismo dos casos da Argentina e do Chile. A remissão à história do futebol profissional em cada país permite salientar as mudanças ocorridas no século XXI, que dizem respeito aos modos de gestão dos clubes chilenos, antes associações civis e agora empresas de tipo privado, sob o formato de sociedade anônima, no Chile neoliberal de Sebastián Piñera. O político Piñera, como é sabido, foi dirigente do Colo-Colo, um dos mais importantes clubes do país. Em igual proporção, Mauricio Macri, ex-presidente da Argentina, pavimentou sua carreira política durante o período à frente do popular Boca Juniors. A produção dos autores possibilita, em um primeiro momento, que se entenda a especificidade do caso chileno, com menção à reação de torcedores do Santiago Wanderers ao processo de privatização da gestão clubística, por meio de um movimento intitulado “15 de Agosto”.³ O fenômeno também ocorreu entre os colo-colinos, mobilizados contra tal tipo de mudança gerencial empresarial [Moreira & Soto-Lagos, 2013, p. 223]. Já na Argentina, mesmo com o neoliberalismo campeante desde os idos de 1990, o status jurídico de clubes sociais e atléticos permanece, com eleição entre seus sócios, cuja comunidade pode variar entre cinco e cem mil associados, a depender da popularidade do clube.

Os autores tratam igualmente das origens das “hinchadas” e da evolução das “barras” argentinas e chilenas desde o final dos anos 1970, com acento para processos internos de organização hierárquico-territorial. A categoria nativa *aguante* é acionada em sua centralidade e polissemia, seja por sua dimensão físico-corporal de apoio ao clube, seja por sua capacidade de enfrentamento contra os *hinchas* rivais. A vivência interna no seio do grupo também implica conhecer aspectos externos da interação das “torcidas” com outros atores do universo do futebol. O Chile assiste ao surgimento dos seus *barra bravas* nos anos

³/ “Quince de Agosto” é um movimento político de sócios e torcedores do clube chileno Wanderers, de Valparaíso. Conta com cinco mil seguidores na rede social Facebook.

1980, momento em que o sanguinário presidente Pinochet ainda ocupava o poder no país, após o golpe de Estado em 1973. A criação da “torcida” *Garra Blanca*, do Colo-Colo, é um marco emblemático da constituição das rivalidades intergrupais no país. Os autores assinalam que os distúrbios e a imposição de disciplina nos estádios é uma questão longa, com registros que datam da década de 1930 [Moreira & Soto-Lagos, 2021, p. 239].

O ambiente argentino no qual as primeiras “torcidas” vieram à luz remete ao final dos anos 1960 e ao decênio de 1970. O contexto político ditatorial enquadra o aparecimento de práticas de violência sistemática nos estádios, uma assimilação pelos *hinchas*, segundo Pablo Alabarces [2008], dos valores beligerantes legitimados pelo aparato repressivo estatal. Em homologia ao Chile, ressaltam-se incidentes anteriores, inclusive com casos de homicídios em estádios levantados por Amílcar Romero [1994].

Um elemento comum na estruturação das “torcidas” nos dois países é a sua capilaridade pelos bairros, onde os grupos torcedores se reúnem e de onde partem para os jogos. As seções territoriais são chamadas no Chile de *piños* e configuram pontos de encontro para confraternizações, como churrascos. As localidades são espaços também para a pintura dos muros e para o grafite, arte que serve igualmente para delimitar os territórios de cada agrupamento. Nas arquibancadas, os subgrupos situam-se junto à barra atrás do gol e distendem suas faixas com o nome do local de origem. Os clubes de projeção nacional ampliam tal alcance e se estruturam em outras regiões do país, o que ocorre, por exemplo, com a “torcida” Los de Abajo, pertencente ao tradicional e popular Universidad de Chile [Moreira & Soto-Lagos, 2013, p. 243].

A estrutura hierárquica piramidal marca os grupos e subgrupos, que se diferenciam conforme a dedicação à “torcida”, manifesta por exemplo nas caravanas de viagem e na disposição para os confrontos. Os chefes ocupam o mais alto status e são os responsáveis pela negociação de ingressos junto aos clubes e pela logística do transporte nas viagens [Moreira & Soto-Lagos, 2013, p. 243]. A regularidade de incidentes com rivais em caravanas fez com que o governo argentino banisse a “torcida” visitante nas partidas fora de casa desde 2013, medida também parcialmente adotada na França e no Brasil. Como seria de se esperar, a Argentina tem as maiores “torcidas” vinculadas aos clubes mais importantes, como o Boca Juniors (La Doce), o River Plate (Los Borrachos del Tablón), o Independiente (La Barra del Rojo), o Racing (La Guardia Imperial) e o San Lorenzo (La Gloriosa Buttler). Boa parte deles situa-se na região metropolitana de Buenos Aires, como o Belgrano (Los Piratas), com clubes de menor porte, mas também adquire importância nas cidades de Córdoba e Santa Fé ou nas províncias de Tucumán e Jujuy.

Enquanto os torcedores argentinos vocalizam seu comportamento corporal por meio da categoria nativa *aguante*, os chilenos adotam posturas assemelhadas de disposição para o apoio ao time durante toda a partida e exaltam a luta verbal e física com os rivais [Moreira & Soto-Lagos, 2013, p. 243]. A assimilação compreende valores de bravura, lealdade e solidariedade, com a codificação binária nós-eles (amigo-inimigo), o que vai da honra à vergonha, da coragem ao medo, passando pela imposição do respeito ao outro. Uma tríade conceitual

articula ainda os elementos fundamentais da identidade *hincha*: território, violência e masculinidade.

Na Argentina, uma relação triangular se estabelece entre “torcidas”, dirigentes de clube e policiais, com reciprocidade de interesses e pactos às vezes pouco transparentes [Cabrera, 2022]. As interações operam de maneira informal e contribuem para a regulação da violência em níveis toleráveis, sem que se chame a atenção da opinião pública. Assim, as atividades mobilizam desde funções comerciais – estacionamento, compra e venda de ingressos, logística de caravanas – até a promoção do ambiente festivo no setor das arquibancadas, antes e durante as partidas. Se na Argentina os laços entre torcedores e dirigentes passam por alianças em torno de vantagens recíprocas e às vezes escusas, no Chile, esta realidade é mais combatida, sobretudo com a implantação em 2011 do Plan Estádio Seguro, que condena o financiamento das “torcidas” [Cabrera, 2022, p. 198].

No Brasil, a diversidade das “torcidas”

Sobre a realidade torcedora contemporânea no Brasil foram mobilizados dois autores brasileiros especialistas no assunto: o comunicólogo Felipe Lopes (Universidade de Campinas - Unicamp) e a antropóloga Rosana Teixeira (Universidade Federal Fluminenses – UFF). De modo análogo ao caso mexicano, este levantamento limita-se, excepcionalmente, a um único país. Tal exceção justifica-se em parte por razões históricas, atinentes ao lugar relativamente isolado do Brasil na América Latina, em virtude de diferenças linguísticas – fala-se português e não castelhano – e de especificidades de seu processo colonial e da preponderância de uma monarquia, enquanto as regiões vizinhas emanciparam-se como repúblicas. Em contrapartida, atravessado o século XX e alcançado o século XXI, o distanciamento se encurta. A crescente integração brasileira na América do Sul reflete-se em âmbito futebolístico, com rivalidades e torneios internacionais regulares. A apropriação mais recente do estilo argentino das “barras” nas “torcidas” brasileiras é notória, iniciando-se na fronteira sul, divisa com os países platinos, com a adoção de princípios organizativos, repertórios musicais e formas coreografadas de torcer nos estádios. Fala-se assim em um processo de “argentinização” das “torcidas” brasileiras, a partir do extremo sul do Brasil, modelo disseminado em boa parte do país desde 2001.

A consulta às obras de Teixeira e Hollanda [2018] e Lopes [2019] nos permite introduzir uma diacronia das associações torcedoras no Brasil, que tem início nos anos 1940, quando, em meio ao profissionalismo no futebol, formas organizadas e coletivas de apoiar o clube são incentivadas pela imprensa e legitimadas pelas autoridades. O quadro se amplia no final da década de 1960, momento em que dissidências juvenis das “torcidas” oficiais despontam, com a reivindicação do direito ao protesto contra dirigentes e jogadores do time, em crise de desempenho em campo e num período de má gestão clubística. A reconstituição do século XX se completa com um panorama dos anos 1980 em diante, momento em que a estigmatização das “torcidas” pela imprensa passa a ser a tônica de sua imagem, tendo em vista as recorrentes matérias jornalísticas de cobertura de atos violentos, cada vez mais agressivos e intolerantes.

A base do “campo de interações”, conforme denominam Lopes e Teixeira [2018, p. 131], permite a contínua reinvenção das “torcidas” no século XXI, período em que se intensificam enquadramentos jurídicos e penais por parte do Estado e das autoridades judiciais contra as ações transgressivas das “torcidas” organizadas. O estigma acaba por encobrir uma diversidade grupal que varia de grupo a grupo, cuja “ideologia”, termo nativo, é reclamada pelas associações, distintas entre si conforme seu estilo. Este último consiste em um espectro que vai da convivialidade boêmia à disposição premeditada para a luta contra oponentes, segundo um vocabulário e uma série de gírias próprias. Destarte, junto a uma estrutura sedimentada com o tempo, as formas de organização mostram-se plásticas e heterogêneas. Dentro de um mesmo agrupamento, coexistem procedimentos institucionais formais e uma série de informalidades que caracterizam os subgrupos. Os códigos morais internos, não escritos, informam a lógica e a dinâmica da “torcida” em cada localidade [Lopes & Teixeira, 2018, p. 142].

A realização de megaeventos esportivos no Brasil entre 2007, com os Jogos Panamericanos, e 2016, com as Olimpíadas no Rio de Janeiro, passando pela Copa do Mundo de 2014, alterou a fisionomia de muitos estádios no país, que se tornaram arenas multiuso. Esta mudança pressionou a estrutura do futebol profissional em favor das tendências mercantilistas, midiáticas e financeiras que moldaram sua globalização desde 1990. As transformações têm trazido implicações tanto internas quanto externas às tradicionais “torcidas” organizadas, seja com um novo perfil social de torcedor, seja com medidas mais enérgicas de combate às ações violentas intergrupais pelas autoridades e forças policiais [Lopes & Teixeira, 2018, p. 155].

Em paralelo, como sintoma dos novos tempos, surgem novos movimentos, coletivos e dissidências. Estas franjas passam, direta ou indiretamente, a questionar práticas e representações sexistas, machistas e homofóbicas de determinados segmentos organizados, mais habituados ao etos viril e intolerante diante das diferenças. Já os dissidentes aparecem em busca de espaço e concorrência interna, com o objetivo de obter vantagens comerciais na gerência das “torcidas”. Em outro diapasão, determinadas lideranças dos grupos tradicionais reagem ao processo de criminalização e às barreiras econômicas impostas às classes populares, com a elitização das arenas. O associativismo procura contornar rivalidades e animosidades. Criam-se pautas comuns de reivindicação, a exemplo da ANATORG, associação nacional de “torcidas”, criada em 2013 [Lopes & Teixeira, 2018, p. 153].

Os autores chamam igualmente a atenção para a heterogeneidade de inserções sociais de que são capazes as resilientes “torcidas” organizadas [Lopes & Teixeira, 2018, p. 157]. Por um lado, a virilidade converte-se na criação interna, dentro das sedes, de espaços para a prática de esportes de combate, como o MMA (Mixed Martial Arts) e o boxe. Por outro, em especial na cidade de São Paulo, as “torcidas” aproximam-se do calendário do carnaval e tornam-se elas próprias escolas de samba. Esse duplo status, de “torcidas” organizadas e de agremiação carnavalesca, tem contribuído para a sobrevivência e até para o fortalecimento institucional dessas associações contemporaneamente. Gaviões da Fiel, “torcida” do Corinthians, e Mancha Verde, do Palmeiras, foram mais de uma vez campeões

do carnaval paulistano e são exemplos da força e da resiliência dessas associações (1995, 1999, 2002 e 2003 a “torcida” corinthiana; 2019 e 2022, a “torcida” palmeirense). As múltiplas realidades regionais do Brasil permitem identificar uma diversidade que passa pelo modo sulino de torcer, pela influência expressiva do eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais e por expressões particulares no Nordeste, no Centro-Oeste e mesmo no Norte do país, onde, apesar de o futebol ser popular, os clubes profissionais têm pouca visibilidade no contexto nacional.

As “torcidas” no contexto dos conflitos armados no Peru e na Colômbia

O sociólogo Aldo Panfichi [2016] examina em paralelo dois países andinos, Peru e Colômbia. O autor detém-se na emergência, na estruturação e na transformação dos grupos torcedores nessas duas nações dos Andes, e reforça as conexões extrafutebolísticas com o contexto histórico de conflito armado entre grupos paramilitares, cartéis de drogas e forças do Estado, no final do século XX, para entender a atmosfera de constituição das “barras”. Estas, segundo o autor, constituem formas populares juvenis de organização, nucleadas em torno do futebol. Junto a este, a música foi outra esfera catalizadora da juventude peruana e colombiana naquele momento, em especial por meio da adesão a gêneros musicais internacionais como o *rock*, o *punk* e o *heavy metal*.

Ainda segundo Panfichi, a identificação emocional proporcionada pelo futebol e pela música se deu em paralelo ao enfraquecimento de modos organizativos tradicionais, como partidos, sindicatos e associações civis, e em conjunto com a desarticulação dos laços e valores familiares. A argumentação sugere que a longa história de conflito armado no Peru e na Colômbia teve reflexos na organização comunitária dos jovens ao redor da prática agonística do futebol. Sem ser mera reprodução mecânica, a conjuntura beligerante serviu de referencial para os torcedores no plano linguístico e simbólico. Não à toa, sua linguagem de rebelião apela para ícones insurgentes ou guerrilheiros, como Che Guevara e Tupac Amaru, apropriados pelas bandeiras das “torcidas” desses países, algo também extensivo ao Chile e ao Equador.

A constituição identitária das “barras” leva ao afastamento e à diferenciação dos clubes de que são seguidores, uma vez que esses últimos cultivam valores de civilidade e se situam em estratos sociais mais elevados. É interessante contudo notar que as brigas e rixas intergrupais se estabelecem ao lado de outras tendências internas das “torcidas”, que buscam por outros significados para os grupos, como ativismo e assistência social, filantropia e ações comunitárias em áreas carentes, à maneira das organizações não governamentais. Tal situação é mais evidente na Colômbia, onde se desenvolveu o *barrismo* social e uma atenção maior do Estado. O reconhecimento estatal foi capaz de conferir uma imagem positiva às intervenções locais dos subgrupos, que recebem apoio da legislação e do poder municipal. A título de exemplo, podemos mencionar o programa governamental Goles en Paz, implantado em Bogotá, capital colombiana [Panfichi, 2016, p. 52]. Em 2014, em meio a uma conjuntura política crítica, verificou-se a

participação das “torcidas” em protestos civis de esquerda contra governos constituídos, em meio a crises do neoliberalismo.⁴

Segundo Panfichi [2016, p. 62], o Peru assiste ao florescimento das “barras” nos anos 1980, ao passo que, no país vizinho ele remonta à década de 1990. A composição social desses grupos não é inerte e tem variado com o tempo. Isto leva a tensões e a disputas por princípios que devem prevalecer nos agrupamentos, suscetíveis e mutáveis nas últimas décadas. O referencial teórico do sociólogo peruano é inspirado em Foucault, em particular naquilo que o filósofo francês denomina “guerra cotidiana”. Panfichi associa o contexto de surgimento das “torcidas” à eclosão de um período belicista que marcou os dois países e que acabou por se instalar na rotina dessas sociedades. Normalizaram-se massacres, guerrilhas, sequestros, ataques terroristas, pessoas assassinadas e desaparecidas, com cerca de setenta mil vítimas no decorrer dos anos 1980, em ambos os países. Movimentos rebeldes, como o Sendero Luminoso e as FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – lutaram contra os governos de seus países. Isto somou-se à recessão econômica e à corrupção, com o empobrecimento da população e o agravamento da situação social e do trabalho. A migração do campo à cidade ensejou mais conflitos, desordens e crimes, com o surgimento de gangues e grupos armados no ambiente urbano.

É dentro deste quadro que as “torcidas” dos grandes clubes irão se fortalecer ao longo do tempo e se tornar um ator social do futebol e da sociedade, indesejado pelo Estado e estigmatizado pela opinião pública. Sua presença e sua performance nos estádios são apenas uma faceta das suas atividades, que passam a se estender aos bairros e às relações comunitárias de vizinhança no século XXI, como dito acima. Assim como na Argentina, fonte de inspiração e às vezes de imitação, os grupos cultivam sua rede de relações territoriais. A organização mescla formalidades, com regras explícitas, e informalidades, com valores orais compartilhados. Seus membros socializam um repertório que reconhece histórias, hierarquias e relações locais.

Brigas dentro dos estádios deram a tônica das “torcidas” em Lima, capital peruana nos anos 1980, sendo sucedidas no decênio seguinte por enfrentamentos fora das praças de esportes, até chegar aos bairros de origem [Panfichi, 2016, p. 88]. A militarização do período refletiu-se na linguagem belicista, desta feita estampada no nome dos grupos, que acionam expressões como “artilharia”, “holocausto” e “falange”.

O roubo ou furto de bandeiras dos adversários passou a ser uma tática empregada pelos grupos, a fim de ostentá-las e de provocar os rivais, denegrindo sua imagem nas redes sociais. Panfichi historiciza cada uma das principais “barras” selecionadas, de modo a mostrar transformações internas no decurso das décadas. Relata também o agravamento dos incidentes com rivais e com a polícia, o que deteriora ainda mais a sua imagem perante a opinião pública. As disputas

^{4/} Panfichi [2016] dedica-se ao estudo das principais “barras” dos dois países. No caso peruano, são duas: o Comando Sur, do Alianza Lima, e o Trinchera Norte, do Clube Universitario de Deportes. Já a Colômbia é representada por “torcidas” em Bogotá, Medellín e Cali, a exemplo da Comandos Azules (Millionarios), La Guardia Albirroja Sur (Independiente Santa Fé), Los del Sur (Atlético Medellín) e Barón Rojo Sur (América de Cali).

intestinas pelo poder e controle implicam confrontos físicos de integrantes da mesma torcida, marca também das *barras* argentinas no século XXI [Panfichi, 2016, p. 90].

Violências e relações de poder nas torcidas da América Central

Em seguida, saindo da América do Sul, recorremos ao antropólogo costa-riquenho Onésimo Aguilar [2022] para cobrir a dinâmica das torcidas na América Central. Aguilar faz um levantamento extensivo da produção acadêmica centro-americana que se debruçou sobre o fenômeno em seis países da região: Costa Rica, Panamá, Guatemala, Honduras, Nicarágua e El Salvador. Aguilar aponta diferenças temporais no advento das torcidas na América Central em relação à América do Sul. Enquanto nesta região elas são mais antigas e tradicionais, as *barras* centro-americanas datam de meados dos anos 1990, com expressiva influência das torcidas sul-americanas, especialmente as argentinas e chilenas. Trata-se de uma peculiaridade interessante da América Central, pois sua história, sua cultura e seus esportes foram moldados pelos Estados Unidos, à exceção do futebol, mais influenciado pela América do Sul. De antemão, constata-se que a maior parte do material coletado se refere às *barras* costa-riquenhas. Trata-se do reflexo de uma produção científica mais significativa em país mais estável, juntamente com o Panamá, em comparação às demais repúblicas centro-americanas.

A quantificação realizada pelo autor em bases indexadoras foi capaz de identificar quatro dimensões principais ligadas ao tema: a diacrônica, a cultural, as formas de violência e a estruturação organizacional articulada à liderança do grupo. A primeira dimensão, referente à diacronia, remonta ao ano de 1995, com a criação do grupo La Ultra Morada, ligada a um dos principais clubes da capital costarriquenha, São José, o Deportivo Saprissa. A narrativa coletiva do agrupamento menciona a ida de membros chilenos da *barra* Los Cruzados, cujo time de apoio é a Universidade Católica do Chile, para a Costa Rica, como contato inaugural que teria propiciado o surgimento da torcida na América Central. Os anos 2000 assistem à rápida disseminação de grupos dessa natureza por clubes profissionais na região. As marcas estigmatizadoras alastram-se igualmente rápido. As torcidas passam a ser associadas à imagem das gangues juvenis de rua na periferia das cidades, sendo o calendário do futebol um tempo e um espaço urbano que canaliza, agrega e dá sentido à vida desses jovens. A temática da violência e da masculinidade logo se faz sentir na identidade das associações.

A segunda dimensão, relacionada à cultura, acentua aspectos identitários e culturais dos grupos em Honduras e na Costa Rica, mais influenciados pelas *barras* argentinas. Aguilar menciona pesquisas sobre identidades sociais e trajetórias de vida de torcedores hondurenhos e costa-riquenhos. Em chave comparativa, coloca lado a lado, na Costa Rica, os integrantes do La Ultra Morada, do Saprissa, e os de La Doce, da Liga Deportiva Alajuenense. Ressalta também as iniciativas em projetos sociais de pacificação, capazes de mitigar as rivalidades inter-torcidas, que seguem o padrão da violência urbana e o tipo de marginalidade predominante entre jovens centro-americanos.

Em relação às formas de violência, no caso da liga de futebol da Guatemala, Aguilar demonstra que, ao invés de um problema em si, de fundo patológico, os

atores envolvidos em atos vandálicos nos estádios são expressão dos vínculos sociais periféricos e dos sistemas educacionais a que estão submetidos. Tal afirmação baseia-se em estudos como os da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais – FLACSO – acerca de áreas metropolitanas em El Salvador e Honduras. A contextualização não é uma justificativa nem tampouco uma legitimação da agressividade e dos atos transgressores, mas um modo sociológico, pedagógico e antropológico de compreender o comportamento dos grupos para além da patologia social.

A quarta e última dimensão diz respeito à estrutura e à liderança das torcidas. Aguilar conduz uma etnografia na qual examina o vocabulário de poder da Ultra Morada, torcida costa-riquenha supracitada. A agremiação é constituída por uma estrutura de anéis e de círculos concêntricos de poder, à maneira medieval, sendo composta por um rei e por oito cavaleiros da mesa-redonda – impossível não associar esta imagem à saga do rei Arthur e dos oito cavaleiros da tábua redonda, em plena Idade Média europeia –, pelos chefes das *peñas* (divisão territorial urbana), e pelos vassalos do sul e do norte de São José, capital da Costa Rica. A pesquisa etnográfica, feita originalmente entre 2003 e 2006, descreve esta estruturação de poder e as tensões que opõem, geograficamente, os adeptos do norte de São José, tidos como de classe média, aos integrantes do sul da capital, vistos como mais populares. O argumento defendido pelo autor é o de que a suposta cisão de classes sociais que estaria na base de tal tensionamento norte-sul é mais retórica que real. A seu juízo, o verdadeiro motivo que cinde os dois grupos é a questão do poder, de seu controle e sua manutenção. Aguilar narra assim os condicionantes da tensão entre os dois grupos no seio da torcida. Ao fim, a disputa acarreta a saída de um líder e a entrada de seu oponente, mas a substituição está longe de significar o fim da discórdia.

O autor também elabora uma descrição da atuação política do grupo. Ele se vale de imagens políticas tradicionais, como a figura do rei, dos conselheiros (oito cavaleiros) e dos vassalos. Neste desenho de poder, os sete cavaleiros do norte possuem mais força que o único representante sulino. Com o tempo, no entanto, essa única liderança do Sul consegue se afirmar e tornar mais representativos o seu nome e o seu subgrupo. A discriminação econômico-social que pesa sobre eles não os impede de questionar o poder central. A resistência coloca em questão o autoritarismo constitutivo de práticas do poder, mais do que uma eventual querela de cunho classista.

O isolamento regional do futebol mexicano

O futebol mexicano apresenta certo isolamento regional e, apesar de participar de torneios internacionais – como convidado da Taça Libertadores ou como integrante das ligas da Concacaf – possui uma posição ambígua e pouca rivalidade em relação aos clubes e às seleções da América Latina, da América Central, do Caribe ou da América do Norte. Neste país, o universo associativo torcedor permanece assim mais confinado em suas próprias fronteiras. Dentro da pujante comunidade de investigadores do futebol mexicano, destaca-se um autor seminal, o antropólogo estadunidense Roger Magazine, influenciado em sua formação por Eduardo Archetti (1943-2005), antropólogo argentino, conhecido pela obra seminal *Masculinities – football, polo and tango in Argentina* [1999]. A

pesquisa original de Magazine [2007] estrutura-se em torno de uma etnografia feita junto a uma torcida organizada do Pumas, clube sediado na Cidade do México e pertencente ao mais importante e tradicional estabelecimento de ensino superior do país, a Universidade Autônoma do México (UNAM). A pesquisa de campo abarcou quase um ano e meio de contato com a torcida denominada Porra Plus e constitui a base para a construção de sua narrativa, estruturada em quatro capítulos etnográficos.

Magazine seguiu a metodologia clássica da antropologia, com uma imersão contínua no trabalho de campo, incluindo o acompanhamento da ritualística dos torcedores antes, durante e depois das partidas. Seu ponto de partida é o de que as torcidas organizadas são portadoras de uma *visão de mundo* ideal. Esta visão é idealizada no discurso torcedor como o ato genuíno de torcer – sentimento de fundo “romântico”, que vem do coração, prova legítima de manifestação do amor por um clube. Essa filiação, por sua vez, se materializa por meio de um estilo e de um modo de ser/viver ideais que são cultivados no interior de cada torcida e contrastados às demais *visões de mundo*, preconizadas por adeptos de outros clubes, para assim conformar a constelação clubística imaginária do México contemporâneo. Juntamente com o Pumas, o América, o Cruz Azul e o Chivas de Guadalajara compõem um quarteto nacional, estando todos, à exceção do último, situados na capital do país.

Magazine argumenta ainda que o ideal da torcida Porra Plus – a defesa da identidade juvenil de uma equipe futebolística de origem universitária – é colocado à prova todo o tempo e de diversos modos. A torcida é confrontada não somente com a visão de mundo de outros clubes, mas também com as distorções e os impasses da realidade futebolística. Tais discrepâncias estariam estreitamente ligadas aos interesses pecuniários e às transações financeiras hodiernas que, na retórica das torcidas, corrompem o fundamento originário do pertencimento clubístico e impedem a autenticidade da forma ideal de se incentivar um clube de futebol.

As categorias desse ideário torcedor – um clube com um estilo de jogar característico e uma torcida com uma forma de apoiar autêntica – são apreendidas e mais valorizadas pelo autor do que a terminologia sociológica tradicional, de modo que o leitor não encontra no trabalho categorizações apriorísticas tais como classe, sociedade civil, Estado etc. Para tanto, Magazine utiliza a autopercepção dos aficionados de futebol, num jogo de identidades que envolve marcas socioculturais e que varia segundo critérios geracionais, regionais, nacionais, étnicos, espaciais e temporais bastante flexíveis.

A narrativa historiciza o futebol no México, mencionando eventos como a adoção do profissionalismo, o patrocínio da Televisa ao time do América e a realização da Copa do Mundo de 1970 no país. Feito o breve resumo histórico, o autor passa a abordar a trajetória das torcidas mexicanas, destacando o modelo organizacional das *porras*, cujas origens remetem aos anos 1960 inspiradas nos esportes universitários estadunidenses. Estas torcidas reúnem-se em torno de cem seguidores por grupo e cultivam uma ambiência familiar, sob a batuta de um líder carismático.

Em seguida, Magazine aborda a transição às “barras”, fenômeno dos anos 1990, quando os grupos juvenis de torcedores se adensam e constroem uma sociabilidade mais marcadamente masculina, com empréstimos às torcidas da América do Sul e da Europa, por meio de imagens e de informações divulgadas pela televisão e na internet. Novos grupos alinham-se ao ideário sul-americano e às formas argentinas de torcer, como ocorrido com o Pachuca FC, por iniciativa do próprio dirigente do clube, ao observar em 1996 a performance dos torcedores do Saprissa da Costa Rica, que seguiam o estilo sul-americano de apoiar seu time. Era o início do processo de criação da Barra Ultra Tuza e da adaptação dos cânticos da América do Sul.

Semelhante movimento verificou-se entre os torcedores do Pumas que, em 1998, fundaram o La Rebel. Esta última se autodefine como uma *barra* à maneira sul-americana e incorpora termos como *aguante* e *trapos*, ao lado de categorias nativas como *desmadre*, étimo e senso que evocam imagens de desordem e alegria coletiva. No século XXI, esse e outros subgrupos se multiplicam e inventam seus próprios nomes, ainda que as *porras* não tenham desaparecido por completo. Há coexistência nas arquibancadas e o número de subgrupos se eleva, com a constituição de torcidas com mais de cinco mil integrantes. Diferente do observado para o caso do Pachuca, no qual o diretor do clube lidera de “cima para baixo” sua criação, a torcida do Pumas reivindica um caráter mais autônomo em relação à diretoria do clube e formula críticas às hierarquias organizacionais.

A montagem do argumento de Magazine não se atém à descrição do objeto em si – os aficionados de futebol –, embora estejam presentes em seu trabalho etnográfico de origem, com exemplos extraídos de sua estrutura organizacional e de seu repertório musical. O autor conecta o seu objeto a uma escala mais ampla de reflexão nesse texto, abarcando a conjuntura política e econômica da sociedade civil e do Estado mexicanos nos últimos trinta anos. O clientelismo e o sistema corporativista, por exemplo, são temas abordados na estrutura e no etos dos grupos torcedores. Além disso, a análise de Magazine contempla historicamente o imaginário urbano do México ao longo do século XX, em especial aquele posterior à Revolução de 1910, estopim a partir do qual o país assiste a um crescente processo de centralização político-econômica na era pós-revolucionária, até seu ocaso no fim dos anos 1980, mediante a implantação de reformas neoliberais. Apesar das continuidades e descontinuidades, reflexos do neoliberalismo e de atavismos institucionais-partidários da época revolucionária desdobram-se no século XXI por meio da construção de uma cidadania precária, com nexos bem articulados no ambiente do futebol e das torcidas.

Estas últimas, por sua vez, têm de lidar com uma realidade progressiva de proletarianização e de criminalização de suas atividades, deslocando sua solidariedade e identidade para os bairros periféricos de origem, à semelhança do que foi visto em outros países da América Latina. A reação às medidas legislativas de enquadramento jurídico pelas autoridades políticas mexicanas dá origem ao surgimento de um movimento supratorcidas, iniciado em 2014, com a reivindicação de direitos e o reconhecimento das atividades de cunho cultural nos bairros. Os confrontos são modulados em relações bilaterais e multilaterais, variando entre torcidas do mesmo time, entre grupos de clubes oponentes e entre torcidas *versus* polícia. A realidade desses segmentos da juventude da classe

trabalhadora contrasta com a vida dos clubes e com o espaço dos estádios, situados em áreas residenciais de classe média e alta nas principais cidades mexicanas.

“ULTRAS” E “HOOLIGANS” NA EUROPA, DA MATRIZ BRITÂNICA AO PÓS-COMUNISMO

O Reino Unido, matriz das torcidas

No Reino Unido, epicentro dos esportes modernos e região europeia que concentrou parte considerável dos estudos sobre torcedores, a tematização matricial das torcidas de futebol foi em parte consequência da reputação negativa adquirida pela violência protagonizada pelos chamados “hooligans”, em especial no último quartel do século XX. Os pesquisadores na Grã-Bretanha chegaram a criar um subcampo de estudos, intitulado hooliganismo, para entender as especificidades do país, com notável influência entre estudiosos fora de suas fronteiras. Jamie Cleland [2015] e Richard Giulianotti [1999] são referências no assunto, com produção prolífica na sociologia do esporte, e foram capazes de elaborar estudos que vão além da Inglaterra. Os investigadores abrangem também a realidade torcedora na Escócia, no País de Gales e na Irlanda do Norte. A previsível condição satélite destas três nações diante da centralidade do futebol inglês não invalida a ampliação de um olhar panorâmico ao fenômeno, ao se considerar a diversidade e a complexidade dessas realidades circunvizinhas, com suas associações, ligas, competições e culturas torcedoras próprias. Neste sentido, a rivalidade entre escoceses e ingleses reflete-se nos esportes e no terreno comportamental dos torcedores.

A contraposição básica ao hooliganismo associa-se à experiência do grupo de torcedores Tartan Army, seguidor do selecionado nacional da Escócia, que cultivava uma imagem amigável, hospitaleira e carnavalesca [Giulianotti, 1999]. Em contraponto, acentua-se o estereótipo violento inglês dos anos 1980, ancorado na agressividade das “firmas” e na hostilidade de seus “hooligans” ou *casuals*, notabilizada não só em nível clubístico, mas também em eventos de equipes nacionais, como as Copas do Mundo, com incidentes que se estendem a manifestações de racismo e nacionalismo extremo entre seus torcedores. Cleland e Giulianotti [2015, p. 28] mostram a dinâmica na reconfiguração do etos associado às seleções de cada país. Salientam a existência de poucos estudos dedicados aos galeses e aos irlandeses do norte, ainda que estes últimos tenham constituído a torcida Green and White Army para apoiar seu selecionado. Os autores também abordam o modo pelo qual marcadores sociais – étnicos, raciais, religiosos, migratórios – se manifestam em cada país do Reino Unido. Articuladas ao contexto em que se inscrevem, com clivagens e conflitos que contrapõem internamente grupos sociais, a exemplo do ocorrido na Escócia e na Irlanda do Norte entre católicos e protestantes nas décadas de 1970 e 1980, tais marcas identitárias refletem-se à sua maneira no âmbito dos esportes e nos valores das comunidades particulares de torcedores de cada clube, com maior ou menor ênfase – como é o caso da rivalidade inter-clubística das Old Firms escocesas, com o Celtic e o Rangers, ambos da cidade de Glasgow [Cleland, 2015, p. 111].

A abordagem histórica vai de par com o interesse pela compreensão das dinâmicas torcedoras dos quatro países no século XXI, em meio à chamada mercantilização do espetáculo e à gentrificação das arenas. Convém ressaltar, por fim, a importância das ações coletivas e dos movimentos de resistência diante das transformações capitalistas do futebol, por meio de associações torcedoras supraclubísticas, como a Supporters Direct, criada em 2000. Paralelamente a esta movimentação integrada de aficionados, os autores mencionam iniciativas pontuais de torcedores em prol da ajuda financeira a seus clubes, a exemplo das ocorridas em cidades como a inglesa Coventry e a galesa Swansea [Cleland, 2015, p. 202].

Os “ultras” nos países de língua alemã

O historiador suíço Christian Koller [2015] aborda o cotidiano das torcidas de três países vizinhos na Europa de língua alemã. Na Alemanha assim como na Áustria e na Suíça, o futebol tem uma história longa, marcante e porosa, com trânsitos e intercâmbios entre uma nação e outra. A perspectiva autoral de Koller [2018] configura-se de forma diacrônica, com um apanhado histórico do futebol em cada um dos países, seguido por uma visão acerca da construção da formação e da identidade dos grupos de torcedores organizados nas últimas três décadas.

Duas ordens contemporâneas de problema são examinadas entre as torcidas alemãs, austríacas e suíças: de um lado, manifestações de violência, racismo e preferências políticas à direita do espectro ideológico do continente; de outro, conforme também verificado no Reino Unido e na Escandinávia, mobilizações supra-torcidas no sentido de questionar mudanças operadas pela indústria do entretenimento, com a conversão do futebol em produto e espetáculo, em detrimento do seu significado identitário e gregário, epifânico e cultural. As origens esportivas na Europa germanófona relacionam-se às vicissitudes políticas da região, mediante a incidência mais acentuada da prática futebolística de clubes em cidades específicas. Além das disputas clubísticas, confrontos entre selecionados nacionais despertaram o interesse da população pelo jogo, com o acionamento de suas marcas de orgulho e reconhecimento. Nessa região, Viena é uma cidade que se destaca, com a adoção pioneira do profissionalismo nas primeiras décadas do século XX, contando com competições seguidas por expressivas médias de público e com a integração dos esportes às efervescentes atividades culturais de então.

Partidas internacionais na capital austríaca e em cidades alemãs galvanizam multidões nos estádios. Enquanto a Áustria centraliza seu futebol na capital vienense, a Alemanha experiencia o desenvolvimento desta prática esportiva em regiões não centrais, como a área industrial do Ruhr. A multilíngue Suíça também não tardou a assumir o profissionalismo no futebol e a criar uma liga nacional, com a implantação de uma rede de estádios no país. À exceção de Zurique, as cidades suíças tiveram apenas um clube profissional de expressão por localidade urbana, fenômeno análogo ao caso francês [Lestrelín, 2022]. Em paralelo ao crescimento de importância da prática e da assistência na região, registros de distúrbios entre torcedores rivais ocorrem na Alemanha e na Áustria já na primeira metade do século passado.

A cultura contemporânea de torcer tem início na Europa germanófono na década de 1970, sob influência das torcidas britânicas e a reputação de seus “hooligans” no continente europeu. A Copa do Mundo de 1974 é um marco importante nesse sentido, uma vez que, além da influência advinda da circulação de informações, torcedores de diferentes países do mundo tiveram a oportunidade de se encontrar e de se conhecer de forma presencial, copiando e assimilando novidades das outras torcidas [Koller, 2015, p. 85]. As referências do estilo de torcer à inglesa seriam contrapostas, duas décadas mais tarde, a uma segunda matriz europeia influente nos anos 1990, proveniente da Itália. Os primeiros grupos “ultras” se formaram naquele eixo da Europa central, em cidades como Colônia, Leverkusen e Viena. Essas associações se disseminaram e hoje contam com cerca de 25 mil membros. A clivagem de ideologias é expressiva e divide cidades como Hamburgo e Dortmund, na Alemanha, e Zurique e Basileia, na Suíça, entre outras [Koller, 2015, p. 30].

Uma diferença da política alemã de enfrentamento ao problema da violência nos estádios, e que seria adotada também na Suíça em 2003, relaciona-se a medidas de segurança baseadas não apenas na repressão e na punição, mas também em projetos de assistência social, com uma tentativa de aproximação dos grupos torcedores, a fim de arbitrar conflitos, mitigar danos e prevenir brigas dentro e fora dos equipamentos esportivos. Parte das experiências preventivas foram aplicadas na Euro 2008, organizada em conjunto por Áustria e Suíça, embora o Fan Project alemão tenha buscado um acompanhamento contínuo das associações torcedoras no calendário esportivo, para além de eventos internacionais esporádicos ou sazonais [Koller, 2015, p. 38].

O cenário das políticas públicas alemãs coexiste com duas outras recorrências do universo torcedor, extensivas aos dois países alpinos: a primeira concerne à legislação punitiva do hooliganismo e à inibição das práticas racistas e xenofóbicas que emergem em determinados grupos com tendências políticas à direita; a segunda associa-se à retórica contrária à mercantilização do futebol e a movimentos que se organizam para protestar contra as tendências financeiras hodiernas. Essa dimensão também aparece em outros países da Europa, sendo uma tônica de reatividade contra-hegemônica capaz de mobilizar grupos “ultras” também nesta região. Isto se soma a reivindicações de pautas identitárias, como coletivos de inspiração feminista em alguns estádios da Alemanha ou grupos de torcedores autoidentificados como homossexuais, em cidades como Berlim e Hamburgo, Stuttgart e Dortmund, orientados por redes transnacionais europeias de combate ao machismo e ao sexismo.

O futebol nas cidades industriais da Escandinávia

Menos conhecidas internacionalmente, as torcidas dos países da Escandinávia (Suécia, Dinamarca e Noruega) ocupam outro extremo da prática futebolística. Segundo os trabalhos dos suecos Torbjörn Andersson [2009] e Katarzyna Herd [2022] e do norueguês Aage Radmann [2015], o desenvolvimento do futebol incide sobre os imaginários geográficos da região. As partidas entre equipes nacionais têm registros de audiências esportivas no decorrer do século passado, em estádios com capacidade para até quarenta mil espectadores, embora as médias

de público para campeonatos, como o dinamarquês, tenham ficado estagnadas ou permanecido muito baixas em determinados períodos.

Uma nova leva de clubes surge a partir dos anos 1960 na Dinamarca. As rivalidades locais de derbies, como em Copenhague, são emuladas e atraem novas gerações de torcedores, graças também ao estabelecimento de ligas em moldes comerciais no início da década de 1990 [Andersson, 2009]. Com efeito, na Suécia e na Noruega há registros de interesse pelo futebol ao longo de sua história. Se Oslo, a capital norueguesa, registrou uma atividade futebolística menos intensa no início do século XX em comparação a Copenhague, a prática desse esporte se fez mais presente em cidades industriais da Noruega. A Suécia, por sua vez, tem um histórico de maior identificação de sua população com o futebol, seja entre praticantes e assistentes. Os suecos testemunharam a popularidade futebolística em diversas cidades, como Estocolmo e Gotemburgo. Eventos esportivos de porte internacional, tais como os Jogos Olímpicos (de inverno) e as Copas do Mundo, foram realizados no país ao longo do tempo, por exemplo em 1912 e 1958, o que concorreu para o cultivo do interesse esportivo em relação aos países vizinhos.

O universo associativo torcedor também apresenta historicidades distintas em cada país nórdico. Há registros de grupos torcedores na capital sueca já na década de 1950. Na década seguinte, a cidade de Malmö testemunha o surgimento de grupos organizados de apoiadores, inspirando-se nos torcedores da Alemanha Ocidental presentes à Copa de 1958. A participação em torneios internacionais também estimulou os torcedores noruegueses a criar seus grupos de incentivo coletivo. Por outro lado, os estilos de vida juvenis vinculados às torcidas contemporâneas só se verificam na Dinamarca dos anos 1980 em diante [Andersson, 2009, p. 120].

A influência britânica na cultura esportiva escandinava é um traço salientado pelo trio de autores [Andersson, 2009; Herd, 2022; Radman, 2015]. Os nomes de muitas torcidas, como a Black Army, de um clube sueco da capital, deixam entrever a inspiração inglesa destas agremiações, que se reúnem igualmente em *pubs*, gostam de música *punk*, vestem-se segundo a moda *skinhead* e, de acordo com cada torcida, manifestam preferências ideológicas à direita (AIK) ou à esquerda (Hammarby).

O início dos anos 1990 assinala na Suécia o princípio de condutas “hooligans”, estimuladas pela rivalidade das “firmas” locais [Andersson, 2009, p. 18]. Ainda assim, em que pese todo o estigma imposto por esta associação, o hooliganismo sueco procurou estabelecer códigos de honra e até mesmo de “gentileza” próprios, a exemplo do grupo Järnkaminerna, pertencente ao clube Djurgårdens IF. As “firmas” suecas têm cerca de setecentos membros ativos, dedicando-se também à promoção da animação dos estádios, e têm contribuído para a elevação das médias de público no campeonato nacional. A despeito das inimizades, assim como na Inglaterra, as associações foram capazes de criar uma entidade de torcedores em nível nacional, com a reunião de cerca de quarenta associações.

As relações de gênero são outro tema abordado no texto de Herd [2022], que confere destaque à histórica hegemonia masculina no ambiente do futebol. A condição hegemônica dos homens não impede a presença mais recente das

mulheres nos estádios e a criação de subgrupos femininos, como o “Feministas”, em português, vinculado ao clube Malmö, em 2007, ou a Blue Striped Ladies, do time de Estocolmo, Djurgarden, em 2012. Uma característica mais visível dessas associações é o uso das redes sociais para a difusão de suas atividades.

Andersson [2009], Herd [2022] e Radmann [2015], pesquisadores da área de educação física que cooperam nessa frente de estudos, assinalam o maior enraizamento da cultura torcedora sueca em comparação à realidade dinamarquesa e norueguesa. A Dinamarca, no entanto, notabilizou-se na Copa do Mundo de 1986 pela torcida festiva e pacífica, representada pela imprensa de forma diametralmente oposta aos “hooligans” ingleses, com trocadilhos linguísticos a acentuar esse contraste comportamental. De todo modo, a rivalidade clubística entre clubes de Copenhagen também data dos anos 1990, os torcedores identificados como “hooligans” pela polícia sendo contados em número de 200 até 2010. A Noruega, por sua vez, buscou inspiração na Inglaterra e também produziu seus *bad boys*, ainda que em escala diminuta na comparação com o caso inglês. De modo análogo, torcedores noruegueses souberam adaptar músicas e cultivar uma identidade autônoma à inglesa. Para tanto, demonstraram a capacidade criativa de inserir diversos ritmos musicais do país e adotar cânticos locais eivados de humor e ironia.

O alcance episódico do estilo italiano e a inspiração pontual em torcidas do sul da Europa também se deram na Escandinávia, com o uso de pirotecnia e a incorporação de parte da retórica anti-mercantil de determinados movimentos *ultra* contra a categoria nativa “futebol moderno”. A visada de conjunto deste caso permite, portanto, identificar tanto padrões contemporâneos quanto impactos diferenciados entre as torcidas de cada país. Por exemplo, os torcedores organizados da Suécia, nação mais abertamente aficionada por futebol, mostraram-se mais refratários e resistentes à lógica de modernização do esporte, enquanto as torcidas da Dinamarca, com tradição futebolística menos acentuada, expressaram pouco incômodo com as transformações capitalistas em curso na estrutura do futebol no século XXI.

Compreender a emergência histórica do hooliganismo na Bélgica e na Holanda

O sociólogo Bertrand Fincoeur [2008] propõe uma perspectiva socio-preventiva do hooliganismo em dois países da Europa setentrional: Bélgica e Holanda. Trata-se de dois países vizinhos, com similaridades de território e população, cujas semelhanças podem ser igualmente entrevistas no universo das torcidas. Nesses países, a agenda da violência torcedora no futebol ocupa a opinião pública desde meados dos anos 1970 e, em resposta, estimulou a produção de pesquisas acadêmicas nas áreas de psicologia e criminologia, a exemplo do grupo de estudos sediado na universidade de Lovaina. A abordagem em conjunto de Fincoeur inclui a emergência histórica do fenômeno, a descrição das políticas de regulação e de contenção ao hooliganismo – um termo lato que reúne comportamentos coletivos agressivos e hostis, diferentes entre si – e, por fim, a análise das mudanças de padrão “hooligan” na cena belga e holandesa.

Ainda que sem projeção internacional, o futebol é um esporte historicamente popular na Bélgica e nos Países Baixos, ao lado do ciclismo. A rivalidade entre grupos de torcidas opostas, conhecidas pelos nomes locais de “sides”, emerge na década de 1970, em ciclos de agressão e vingança, cuja escalada se desdobra das arquibancadas para as ruas. As principais cidades dos dois países – Bruxelas, Antuérpia e Bruges, de um lado, Amsterdã, Roterdã e Utrecht, de outro – assistem à estruturação de grupos torcedores em cada um dos clubes da localidade nos anos 1980.

Embora sem a participação de torcedores locais, a final da Copa de clubes europeus da UEFA (Union of European Football Associations) na capital belga, em maio de 1985, representou um marco crítico do nível de intolerância a que as animosidades inter-torcidas podem chegar [Fincoeur, 2008, p. 23]. Antes do início da partida decisiva, no acanhado estádio de Heysel, torcedores ingleses e “ultras” italianos se enfrentaram, em tragédia que culminou na morte de quarenta fãs do Juventus da Itália, comprimidos e esmagados pelos muros das tribunas, após a invasão do setor adversário por “hooligans” do Liverpool. A partir desse acidente com impacto internacional, a preocupação com a influência das torcidas inglesas nas torcidas da Bélgica e da Holanda fez com que as autoridades desses países atuassem de forma mais incisiva para combater as ações violentas dos “sides” no futebol.

Além das tradicionais políticas repressivas, pesquisas [Fincoeur, 2008, p. 39] desenvolvidas na Bélgica contribuíram para influenciar as autoridades na adoção de projetos educativos de acompanhamento e monitoramento dos grupos, a fim de evitar conflitos nas municipalidades. Já a Holanda adotou princípios de dissuasão mais usuais, como a tecnologia de vigilância nos estádios, o banimento de torcedores envolvidos em brigas, a gentrificação das arenas e o planejamento policial nas caravanas de torcidas. A legislação e a política de segurança recrudesceram nos anos 1990, uma vez que a responsabilidade de sediar a Euro 2000, em parceria entre Bélgica e Holanda, tornou necessárias medidas mais duras, com o envolvimento dos clubes nesse processo. A competição de seleções nacionais europeias propiciou igualmente pesquisas de autores holandeses [Fincoeur, 2008] dispostos a pensar em medidas alternativas de ação preventiva em megaeventos esportivos. Princípios de recepção amistosa e hospitaleira passaram a pautar tais políticas, com o objetivo de transformar a lógica apenas baseada em repressão policial e em bloqueios territoriais, a fim de evitar o aumento da tensão e o risco de incidentes.

Apesar das medidas, em 1997 o futebol holandês testemunhou um dos mais graves confrontos em seu país, fora do estádio, em incidente protagonizado por torcedores do Ajax e do Feyernoord, conhecido como a “Batalha de Beverwijk” [Fincoeur, 2008, p. 40]. A rivalidade entre as cidades de Amsterdã e de Roterdã reproduziu-se nesse embate, que vitimou um dos torcedores envolvidos. Nas duas primeiras décadas do século XXI, as relações de amizade e inimizade têm se expandido para além das fronteiras nacionais e se propagado nas alianças entre “hooligans” e sides da Bélgica e da Holanda. Com o tempo observam-se mudanças na estrutura dos grupos, com um perfil social menos marcado (jovens das classes trabalhadoras) que inclui uma juventude com melhores condições financeiras, que cultiva a prática de artes marciais como o MMA. O treinamento e

a preparação para os confrontos se dão em outras arenas, na medida em que o espaço dos estádios se encontra cada vez mais vigiado, tais embates migrando para áreas não desportivas.

O planejamento das brigas em locais afastados – no caso, regiões florestais – e com termos previamente acordados entre os grupos é uma tradição inspirada nos “hooligans” do Leste europeu e manifesta-se nos dois países também nos últimos quinze anos. Embora os pontos de encontro sejam conhecidos somente pelos membros dispostos à briga, a exposição das imagens é objeto de atração, e os envolvidos se valem de redes sociais para a divulgação de vídeos para seus seguidores. Fincoeur alude a esse fenômeno voyerista como “hooliganismo 2.0” [Fincoeur, 2008, p. 55].

Apropriações ideológicas e clivagens na França e na Itália

Há cerca de vinte anos, o historiador francês Sébastien Louis [2006] escrevia a respeito dos torcedores ditos “radicais” da Itália e da França [ver também Archambault, Beaud, Gasparini, 2018]. Sua estratégia inicial consiste na demarcação das diferenças entre as duas nações no cultivo do futebol e na importância das suas torcidas. Assim como a Inglaterra, a Itália é vista como uma nação matricial e pulsante na vivência futebolística, com reflexos expressivos na estruturação de seus torcedores, cujo segmento organizado é conhecido por um termo com ressonância internacional, já mencionado acima: os “ultras”. Em contrapartida, a França, apesar de suas conquistas futebolísticas mundiais e de seu interesse poliesportivo notável – ciclismo e basquete, tênis e handball – apresenta certo atraso no surgimento e na estruturação de grupos torcedores. Estes se inspiraram historicamente em modelos de apoio aos clubes que vêm de fora, mais precisamente da Itália e da Inglaterra, conforme a região geográfica e de acordo com cada clube.

Louis [2017] explora aspectos comparados da história das torcidas em cada país, pontua a dimensão política dos grupos, sua vinculação a práticas mais ou menos abertas de legitimação da violência intergrupal e aborda a legislação franco-italiana acionada para a contenção das brigas e das mortes. Em seu diagnóstico, o autor propõe, em consonância com as abordagens anteriores, uma reflexão sobre o lugar das torcidas organizadas em meio às ações da indústria esportiva do entretenimento, que se sobrepõe e tolhe a vivência passional do cotidiano do futebol. A península itálica é definida por Louis como a pátria dos “ultras”, onde o modo coletivo de apoio aos clubes se origina e difunde. Os “ultras” emergem entre o final dos anos 1960 e início da década seguinte, em um contexto efervescente de politização e de autonomia da juventude no mundo. Em paralelo aos homólogos da Grã-Bretanha, os torcedores da Itália adquirem visibilidade ao longo dos anos 1970 e 1980, com especial atenção para os clubes de cidades industriais – Turim, Milão e Gênova –, mas também da capital Roma e de centros urbanos tradicionais, como Nápoles e Florença (Louis, 2017, p. 98).

A França, por sua vez, assiste ao princípio de estruturação de suas torcidas nos anos 1980, à medida que as referências italianas e inglesas são importadas e assimiladas. Em termos nativos, esta estruturação se faz acompanhar pela difusão dos modelos “hooligan” e “ultra” no futebol francês, de acordo com a

cidade e o clube, variando conforme características urbanas e culturais resultantes da iniciativa de agentes, da troca de informações e da experiência local. Paris Marseille, Bordeaux, Nantes, Lens, Lille, Nice são alguns dos centros de recepção de tais influências, denotadas pelo nome do grupo, pelo estilo da indumentária ou pela cultura material de incentivo clubístico nas arquibancadas [Wittersheim, 2014].

As marcas políticas do contexto emergente dos grupos na Itália dos anos 1960 permanecem ao longo do tempo. Contudo, com o crescimento quantitativo das torcidas – os italianos alcançam quinze mil membros por agrupamento nos anos 1990 –, o espectro ideológico se polariza, com a multiplicação de grupúsculos mais radicais [Louis, 2017, p. 118]. Tal situação se manifesta tanto à esquerda quanto à direita, numa variação também dependente da cidade e do clube, a exemplo do Livorno, no primeiro caso, e do Verona, no segundo. Ainda que a política não deva ser generalizada a todos os componentes, nem entendida de modo estrito ou literal, as apropriações de ideologias também acontecem no ambiente francês, em segmentações de culturas “hooligans” e “ultras”, que contrastam de início cidades como Paris e Marseille, respectivamente. No território francês, a clivagem demarca, de um lado, práticas racistas, xenofóbicas e até antissemitas e, de outro, bandeiras antifascistas que defendem o multiculturalismo, a exemplo da aceitação de jogadores advindos de outras regiões do planeta, saudados nas arquibancadas com a bandeira de sua nacionalidade. A título de exemplo, podemos evocar Messi e a bandeira da Argentina nas tribunas do Parc des Princes ou Gerson e a bandeira do Brasil nas torcidas do Olympique de Marseille.

As rivalidades clubísticas e as diferenças culturais no universo torcedor engendram confrontos físicos, cuja escalada se agrava com o tempo. Incidentes midiáticos e as primeiras vítimas dos enfrentamentos chamam a atenção do poder público, que inicia uma cruzada legislativa e judicial contra os grupos de torcedores, primeiro na Itália, em seguida na França. Leis de responsabilização, restrição do uso de certos materiais nos estádios, banimento de grupos, proibição e prisão de membros são algumas das medidas adotadas desde 1990. Este ano, aliás, é emblemático, pois os italianos organizam a Copa do Mundo em seu país, e a preocupação com o assunto se acentua. No final daquela década, é a vez de a França hospedar tal torneio internacional, o que, juntamente com a construção do Stade de France, reforça a preocupação das autoridades com o comportamento de seus torcedores [Louis, 2017, p. 76].

Apesar das ações dos órgãos responsáveis e das restrições impostas à entrada nos estádios e aos deslocamentos para jogos em outras cidades e países, tensões com a polícia e conflitos intergrupais continuam a ocorrer em ambos os países no século XXI. Um dos casos de maior repercussão diz respeito a rixas entre grupos torcedores do mesmo clube, no caso do Paris Saint-Germain, por exemplo. Depois de uma sequência de ataques e revides nos arredores do Parc des Princes, enfrentamentos levaram à morte de um integrante do grupo Kop of Boulogne. A reação da direção do PSG, num momento que coincide com a compra do clube por um fundo de investimento do Catar, consiste na dissolução de todas as torcidas parisienses e a tentativa de dar início a uma “nova era” no futebol francês, com a adoção do Plan Leproux. Nessa conjuntura, megaeventos internacionais

ocorrem na França, como a Euro 2016. Os torneios levam ao endurecimento da política repressiva e, ao mesmo tempo, à incrementação de novos estádios, de acordo com um padrão mercadológico, em processo conhecido como arenização ou gentrificação do esporte [Louis, 2017, p. 85].

Assim como ocorre na Itália, com a articulação de um movimento “ultra” supraclubístico “contra o futebol moderno”, estudado por Dino Numerato [2018], as torcidas francesas criam sua associação nacional e reivindicam direitos coletivos, numa tentativa de coordenar esforços e unificar a demanda junto às instâncias de poder na administração do futebol.

Na atualidade, proibições de entrada nos estádios e de caravanas de acompanhamento dos times são debatidas no Parlamento francês, num processo que podemos chamar de “judicialização das torcidas”. Instâncias dos Poderes Legislativo e Judiciário buscam encontrar novos meios de endurecimento de suas ações, a fim de asfixiar as transgressões e desbaratar os atos considerados ilícitos. Não obstante, tanto as medidas das autoridades quanto as iniciativas inter-torcidas coordenadas pelas lideranças de torcedores têm alcance limitado. A gestão dos entes do futebol profissional na Itália e na França permanece como um ponto de tensão, um tema problemático a ser resolvido ou minimamente controlado.

As torcidas no pós-comunismo na Europa do Leste

O sociólogo polonês Radoslaw Kossakowski procura apreender a totalidade das torcidas no leste Europeu, encompasado historicamente pela Cortina de Ferro, sob os ditames da antiga União Soviética. A identidade comunista marcou a história daqueles países em seu conjunto, deixando traços culturais no futebol e em suas torcidas – em sua maioria reativas à influência russa e contrárias ao legado do comunismo – em pleno século XXI, com uma nova ordem internacional e com a adesão à União Europeia por parte de algumas nações.

Kossakowski et al. [2020] abordam o contexto histórico particular da Europa oriental, cuja dinâmica diferenciou-se daquela dos países do Ocidente capitalista. Os autores argumentam que muito pouco se sabe sobre as torcidas naquela região durante o período comunista, já que a vida coletiva era mais controlada e tolhida pelo regime. Há dados científicos insuficientes e as narrativas da memória coletiva devem ser observadas com a devida cautela metodológica. Uma nova fase para as torcidas principia nos anos 1980, com as transformações decorrentes do colapso do comunismo e com a emancipação de várias nações do bloco antes integrado à URSS. Segundo o sociólogo polonês e seus coautores, a década de 1990 assiste a uma combinação dos dois estilos principais das torcidas da Europa ocidental, o inglês e o italiano. Este último teve impacto inicial na Romênia, após a queda do ditador Nicolae Ceausescu, o que se explica em parte pelas raízes linguísticas comuns e pela proximidade geográfica. Contudo, a segunda geração “ultra” romena já começa a assimilar traços do modo britânico de torcer, sob inspiração de filmes *pop*, a exemplo das roupas, o que enseja bricolagens de um e de outro padrão, somando-se às tradições locais.

O modelo misto anglo-italiano manifesta-se em grupos não só na Romênia, mas também na República Tcheca, na Hungria, na Bulgária e na Letônia, mediante a

adoção e a adaptação de nomes, cores, cânticos e formas de torcer originárias de clubes daqueles dois países ocidentais. Tal transição foi paulatina e se tornou mais visível na segunda metade dos anos 1990, em particular na Polônia, associada a uma atmosfera de violência mais radical e de extremismo político, algo anteriormente não permitido à juventude. O autor também salienta outros espaços esportivos populares de atuação das torcidas, tais como o basquete na Lituânia e o hóquei na Bielorrússia [Kossakowski et al., 2020, p. 14].

A Rússia⁵ configura um caso de coexistência entre “hooligans” e “ultras”, mas com influências político-sociais mais incisivas sobre seus grupos em cidades como Moscou e São Petersburgo. Neste país, há registros da assimilação de práticas torcedoras desde os anos 1980, com a vivência de diferentes fases e de sucessões geracionais. Os “hooligans” do leste tornaram-se conhecidos, e não só os torcedores russos, pelos conflitos previamente marcados entre grupos, em locais ermos e distantes. Para tanto, os rivais estabelecem de antemão, em comum acordo, as “armas” empenhadas e o número de membros envolvidos na rixa.

A institucionalização das torcidas dá-se ao longo das duas últimas décadas. Os autores observam que de modo distinto do caso italiano, a Europa do leste fixou o estilo *ultra* a partir de uma “cultura da violência” anterior, em particular durante a década de 1990 [Kossakowski, 2020, p. 28]. Com o advento do pós-comunismo, muitas sociedades vivenciaram a anomia e o caos, diante das crises político-econômicas e das guerras, o que se estendeu igualmente aos países dos Balcãs.

Eventos como a Euro 2012, coorganizada pela Polônia e pela Ucrânia, contribuíram para a ocidentalização do futebol no Leste e para a visibilidade de suas torcidas que, de forma estratégica, se valeram de coreografias e slogans em inglês na busca de reconhecimento externo. O antagonismo intergrupual configura-se de maneira semelhante a outros cenários europeus, suscitando hostilidades e atravessando códigos culturais binários. Estes últimos remetem ao gênero, à pauta de costumes, à identidade nacional, ao racismo, à religião, à ideologia política, a redes de clientelismo clubístico, entre outros valores apropriados e posicionamentos tomados conforme a situação.

Grosso modo, Kossakowski e seus coautores entendem, por meio de suas enquetes sociológicas na Polônia, que há uma vantagem para simpatias ideológicas à direita, mais conservadoras e xenófobas, entre os grupos torcedores na Europa oriental como um todo, o que em parte se explica por um rechaço comum ao passado comunista [Kossakowski et al., 2020, p. 54]. Tal situação se verifica até mesmo em clubes com origens próximas ao regime soviético, como o Legia de Varsóvia, o Honved de Budapeste, o CSKA e o Dínamo, ambos de Moscou. Tal preponderância não impede a existência de grupos ideologicamente moderados, que pregam causas democráticas da sociedade civil e mostram-se sensíveis à justiça social. Kiev, capital ucraniana, é um bom exemplo disto,⁶ pois

⁵/ Nas publicações acadêmicas levantadas ainda não pudemos analisar os efeitos da guerra contra a Ucrânia, iniciada em 2022.

⁶/ Também ainda não há subsídios para apreciar o impacto bélico com a Rússia nas buscas bibliográficas empreendidas.

nela predominam franjas direitistas que, ao mesmo tempo, coexistem com grupos antifascistas. O hooliganismo deriva da influência russa desde os anos 1990 no cenário torcedor do país vizinho, pregando a coesão em torno dos valores da masculinidade e da virilidade. Não obstante, grupos *ultra* da Ucrânia tomaram parte nos movimentos políticos de insurgência contra o regime político no início dos anos 2000, em meio à chamada Revolução Laranja. Insurreição semelhante não ocorreu na Bielorrússia, mais fechada politicamente e mais suscetível ao poderio da Rússia de Putin [Kossakowski, 2020, p. 113].

Tal suscetibilidade frente ao poderio russo também acontece na Moldávia, que se contrapõe no futebol ao país de cultura dominante por meio de torcedores mais próximos e simpáticos à Ucrânia e à Romênia. Ex-repúblicas soviéticas como Lituânia, Letônia e Estônia têm menor ligação cotidiana com o futebol. O ativismo de suas torcidas, em alguns casos, é acionado e direciona-se com mais frequência para as equipes nacionais. O quarteto de países – República Tcheca, Eslováquia, Hungria e Polônia – desenvolveu a identidade de suas torcidas tanto em relação a particularidades de seu passado histórico quanto a dimensões específicas da contemporaneidade. Entre as dimensões do mundo contemporâneo, pode-se mencionar grupos pró e contra a acolhida de refugiados, polêmica que divide a sociedade europeia como um todo e que ganha um contorno particular no fluxo migratório do futebol, seja por conta das partidas de competições internacionais, pelos jogadores estrangeiros, ou mesmo pelos torcedores. Com efeito, o texto oferece ao leitor um quadro vivo, balanceado e instigante do período de trinta anos (1990-2020), em que práticas grupais torcedoras se estabeleceram na Europa do leste, na esteira do fim de regimes controlados por partidos comunistas.

Por sua vez, as pesquisas doutorais de Loïc Tregoures [2019], desenvolvidas na França, amparam-se na descrição de três fases históricas do futebol pós-iugoslavo e de suas torcidas “extremas”, que emergem nesse contexto: o período de vigência do comunismo até os anos 1980; o momento de emancipação e a guerra protagonizada pelos países da região, notadamente a Sérvia, nos anos 1990; e o período consecutivo ao conflito bélico, já no século XXI, com a transição democrática e a estabilização econômica. Assim como outros autores já o fizeram, Tregoures alude à influência dos chamados modelos britânico e italiano de torcer sobre o sudeste europeu, decorrente das partidas de seus times no continente. Ao mesmo tempo, sopesa a importância de aspectos identitários e políticos próprios, capazes de moldar o etos regional das mesmas torcidas formadas ao redor daquele futebol. O diapasão histórico principia com o surgimento dos primeiros grupos de torcedores organizados, já nos anos 1950, na cidade croata de Split.

A torcida do clube Hajduk Split constituiu uma espécie de exceção durante os anos de comunismo, sob a liderança carismática de Tito, vindo mesmo a sucumbir por vinte anos, até o seu reaparecimento no final dos anos 1970. Naquele período, a rivalidade desses torcedores encontrava oposição com os Grobari, torcida sérvia pertencente ao clube Partizan de Belgrado, capaz de mobilizar algumas centenas de jovens locais. O final dos anos 1970 em Split e em Belgrado assiste à chegada de referências da Inglaterra e da Itália e sua incidência sobre os estilos de torcer. Os torcedores iugoslavos também se interessavam pela exuberância das torcidas

argentinas e por certa “anarquia” – na falta de melhor termo – das torcidas na Grécia [Tregoures, 2019, p. 29].

A década de 1980 consolida a criação, por assim dizer, de um estilo balcânico de torcer, com a apropriação das influências externas e a leitura do contexto político-social. Este último baseava-se na crítica ao sistema comunista e na afirmação de nacionalismos locais, em termos semelhantes aos apontados por Radoslaw para as torcidas do Leste europeu. Isto acontece, por exemplo, com o Estrela Vermelha, de Belgrado, clube fundado em 1945, sob os auspícios dos líderes comunistas. O estádio revela-se um espaço menos vigiado, para usar a metáfora panóptica de Foucault e, por conseguinte, mais propício à manifestação de posturas rebeldes dos jovens torcedores.

A rebeldia política é uma marca não só da ex-Iugoslávia, mas também da antiga União Soviética e da Tchecoslováquia. Os clubes tornam-se vetores para a canalização de retóricas nacionalistas. Enquanto a identidade sérvia é galvanizada pelo Estrela Vermelha, em Zagreb, o Dínamo faz o mesmo com o elo identitário croata. Em contrapartida, na Sérvia, a partir de 1989, no intuito de inibir pressões nacionalistas de oposição ao governo iugoslavo, seu presidente, Misolevic se aproxima do Estrela Vermelha e se associa à figura de Arkan, uma liderança da torcida, conhecido por contravenções e por uma série de atitudes ilícitas. Seu objetivo passa a ser o exercício de sua influência pessoal para despolitizar as arquibancadas insurgentes em Belgrado [Tregoures, 2019, p. 92].

Os anos 1980 veem surgir na Croácia novos grupos torcedores, como o Bad Blue Boys, do Dínamo, e o Armada, de Rijeka, com um núcleo duro de torcedores violentos. Se as rivalidades entre clubes croatas já existia e polarizava torcidas das cidades de Zagreb e de Split, os rivais internos abdicam suas diferenças em nome da oposição aos inimigos sérvios. Em 1990, ano em que a região começa a ter eleições livres, brigas entre torcidas do Dínamo e do Estrela Vermelha ganham repercussão, sendo vistas como conflitos que codificam e até mesmo pavimentam a luta pela independência da Croácia.

A década de 1990 assiste à eclosão da guerra da Bósnia-Herzegovina. O confronto interrompe o futebol na Bósnia, e o campeonato profissional da região só é unificado em 2001. Suas torcidas assimilam um forte componente nacionalista, a exemplo dos Ultras Mostar 94, e do clube bósnio Zrinjski Mostar, cujo rival da mesma cidade é o Velez Mostar. Este último, por sua vez, tem por base o grupo Red Army 1981 e constitui uma exceção entre as torcidas, pois foge à vertente nacionalista, rendendo homenagens à figura de Tito e a seu socialismo. A guerra atinge também a vivência dos clubes. Nas arquibancadas, dá-se a renovação geracional de torcedores sérvios, como os do Slavija e do FK Zeljeznicar, ambos de Sarajevo.

Com efeito, os danos da guerra são incomensuráveis, com a expatriação e o êxodo de milhares de refugiados. Os clubes são codificados segundo sua lógica binária e mesmo torcedores de Kosovo e Montenegro são atingidos pela diáspora. Isso incide no que Tregoures chama, em sua tese defendida em Paris, de uma “gramática das arquibancadas” [Tregoures, 2019, 102], na qual há uma linguagem comum de práticas e códigos, mediada pelo apelo patriótico e por provocações ligadas à simbologia do conflito bélico. Além de aspectos em comum, verificam-

se também segmentações e particularidades de região a região. Os grupos crescem e oscilam entre dois mil e vinte mil aderentes.

No século XXI, a violência entre as torcidas de cada país se estrutura em torno do calendário esportivo, salvo em uma ou outra ocasião em que assume contornos sociopolíticos mais amplos. As medidas legislativas de endurecimento repressivo na região tornam-se mais fortes em 2011, em especial por parte da federação de futebol na Croácia. Se a política mobiliza menos que nas décadas anteriores, causas do meio futebolístico acionam de tempos em tempos a articulação de grupos torcedores. Tensões entre torcidas e dirigentes de clubes também ocorrem com frequência nos países da ex-Iugoslávia.

Após ter abordado as similaridades, Tregoures acentua a especificidade das torcidas na Sérvia a partir dos anos 2000, tendo em vista o ressurgimento de antigos problemas, como a reestruturação do tráfico de drogas e o recrudesimento do crime organizado no país [Tregoures, 2019, p. 130]. Determinados núcleos torcedores acabam por se imiscuir nessas atividades de disputa por controle territorial. Assim, a queda do regime de Misolevic não impede a continuidade das articulações entre lideranças políticas e torcidas organizadas. A dimensão violenta e criminal acaba por atingir a reputação de frações de torcedores de clubes como o Estrela Vermelha, o Partizan e o FK Rad, de Belgrado, tornando-se um estigma para boa parte das comunidades clubísticas na Sérvia.

Um modo latino de torcer na Península Ibérica

Em paralelo ao estudo das “claques” portuguesas [Seabra, 2019], o pesquisador catalão Carles Viñas [2005] traça um panorama da dinâmica histórico-social das torcidas em seu país e em Portugal. Além do modelo inglês e italiano, influentes nos casos precedentes, os países ibéricos também são influenciados por um “modelo brasileiro” de torcer, o que por suposto se explica pela projeção internacional do futebol do país sul-americano e pelas relações coloniais entre Portugal e Brasil.

Outro dado da realidade espanhola é a realização da Copa do Mundo de 1982, evento internacional que reuniu torcedores de diferentes nacionalidades em diversas cidades espanholas, constituindo-se em um ponto de partida para a formação das torcidas naquele país, apesar de embriões de grupos já existirem desde a década de 1970. O decênio seguinte possibilita o aparecimento de grupos que viriam a assumir grande relevância no cenário espanhol, como os Ultras Sur, do Real Madrid, e os Boixos Nois, do Barcelona FC, que despontaram sem as características transgressivas e o estigma adquirido em período posterior [Viñas, 2005, p. 111].

Em finais dos anos 1980, determinadas práticas tornaram-se correntes nos estádios, como a da “avalanche humana”, um modo latino de comemorar os gols dos próprios times, no qual os torcedores em bloco correm na descendente os degraus das arquibancadas e aglutinam-se nas grades divisórias das tribunas. A maneira multicolorida de torcer se espalha, com o uso de bandeiras e artefatos de animação coreografada nos jogos, à maneira dos torcedores italianos. A temporalidade coincide com a realidade das torcidas em Portugal, notadamente nas duas cidades mais importantes do país, a capital Lisboa e o centro portuário

ao norte, Porto, desde a segunda metade dos anos 1970. Grupos denominados Juventude Leonina, Dragões Azuis, Os Belenenses, Fúria Azul e Torcida Verde são sucedidos ou passam a coexistir no contexto dos anos 1980 com outra gama de associações, chegando-se a ensejar a criação de uma Federação Nacional de Claques. No caso espanhol, uma torcida é criada para apoiar a seleção do país, a Orgulho Nacional.

O estabelecimento dos agrupamentos permite sua evolução para estruturas mais burocráticas e institucionais de apoio clubístico, com o crescimento quantitativo interno e a subdivisão territorial em núcleos. A vida torcedora compreende não só o incentivo, mas a fiscalização e a pressão sobre as ações da direção do clube, com negociações e contraprestações nos pleitos eleitorais. A estruturação das torcidas também gera incidentes violentos e a práticas de vandalismo. Marcas políticas e nacionais aparecem igualmente nesse meio, o que na Espanha se caracteriza pelas disputas entre os regionalismos patrióticos, na Catalunha e no País Basco, e a centralização do poder central, em Madri. Em Portugal, a rivalidade entre as cidades também serve de espelho à codificação de rivais no futebol, com a exacerbação entre grupos juvenis mais radicais, majoritariamente masculinos, do etos viril e agressivo [Viñas, 2005, p. 50].

De modo geral, o cenário dos anos 1990 mostra-se propício tanto à consolidação identitária dos grupos, favorecida pelas caravanas de viagem e pelos rituais verbais e corporais de violência, quanto à incorporação de discursos intolerantes, mais simpáticos à causa de militantes de extrema-direita. Ainda assim, não se pode generalizar a adoção orgânica de tal ideologia entre todos os grupos, nem tampouco entre todos os seus membros. A repercussão negativa da imagem das torcidas pelos meios de comunicação impele os clubes a se dissociarem das mesmas e aciona as autoridades no sentido da coibição e até mesmo da criminalização dos grupos.

Em Portugal, apesar da predominância de valores políticos de direita, também se verifica a existência de grupos torcedores que absorvem símbolos e ideias de esquerda. É o caso dos simpatizantes esquerdistas da “claque” Alma Salguerista ou da Torcida Verde, com sua efígie em homenagem a Che Guevara. *Skinheads* simpatizantes de causas anarquistas e comunistas combatem ideologias racistas ou neonazistas nos estádios. Processo similar também se verifica se Espanha, com o grupo “antifa” do modesto clube Rayo Vallecano, da segunda divisão espanhola.

O século XXI testemunha o desaparecimento de alguns grupos, o surgimento de outros, as dissidências, as transformações de comportamento e o crescimento quantitativo de um agrupamento majoritário por clube. A informalidade deixa de ser permitida pela legislação para torcidas que queiram se fazer representar nos estádios. Cerca de trinta “claques” são reconhecidas juridicamente, com quase cinco mil membros registrados. O advento da Internet também se torna uma ferramenta de comunicação e de promoção das associações, como o fórum Grupo Organizado de Adeptos.

Em Portugal, a repressão e o monitoramento ganham maior vigilância, diante da generalização de confrontos fora do estádio, em meio à moda inglesa *casual*, com torcedores briguentos não vinculados a grupos formais. Nas dependências dos

estádios, acontecimentos fatais ocorrem, algumas torcidas recebem sanção e caem na ilegalidade. Um universo de mais de dois mil torcedores é tipificado como violento. Já na Espanha, desde os anos 1980, há órgãos governamentais, dispositivos jurídicos e comissões investigativas incumbidos da tarefa de monitorar e erradicar a violência. Apesar de todo o aparato repressivo, ações mais energéticas só acontecem em face de incidentes trágicos que chocam a opinião pública e requerem resposta do poder público. Carles Viñas [2005, p. 211] reitera, por fim, que o vínculo geográfico entre os dois países não implicou as mesmas cronologias e dinâmicas entre as “claques” portuguesas e os grupos radicais espanhóis.

À GUIA DE CONCLUSÃO

As informações acima sistematizadas contribuem para compor um quadro sinótico do fenômeno torcedor contemporâneo e de suas respectivas dinâmicas históricas e geoespaciais, ainda que rendimentos analíticos pudessem ser aprofundados em cada continente, em cada região e em cada país. Se não chegou a ser feita uma comparação mais amiúde ou um cruzamento sistemático da estrutura e das historicidades, dos agentes e das características das associações de torcidas que se nucleiam em torno dos clubes profissionais de alto rendimento nos contextos latino-americano e europeu nos séculos XX e XXI, o presente estudo permite ao leitor especializado, e mesmo ao público leigo interessado no assunto, uma percepção panorâmica da problemática que as permeia, suas similitudes e suas particularidades.

Entende-se, portanto, que a descrição e a síntese das regiões ensejam ao menos paralelos no desenvolvimento intercontinental do futebol e de suas respectivas sociedades. De um lado, um dos paralelismos possíveis é a própria circulação interatlântica de símbolos, de nomes e de imagens, que se codificam e decodificam em cultura material e simbólica dos estilos de torcer, segundo lógica análoga aos estilos de jogo em campo. Destarte, se há matrizes torcedoras – difundidas a partir da Inglaterra, da Itália e da Argentina –, com o tempo, as mesmas configuram-se e imbricam-se de maneira transversal e passam a integrar certa subcultura internacional de torcidas de futebol pelo mundo, o que se espraia também pela África e Ásia, pela América do Norte e mesmo pela Oceania, sinalizando para certa perspectiva defendida pela história global.

De outro lado, as influências externas entrosam-se e plasmam-se junto a histórias e tradições locais, como procuramos acompanhar na historicização que cada conjunto de países – seja singularmente, seja em duo, seja em casos multivariados – apresenta e que foi estudada por acadêmicos de sua região de vínculo. O exame mostra aspectos intrínsecos à especificidade dos clubes e do futebol de cada localidade, com aspectos que se mostram irredutíveis e que podem se manifestar na linguagem, na gestualidade, no repertório musical ou mesmo nas formas de confronto e de emulação com as torcidas rivais.

Nosso estudo procurou, portanto, aplicar o mesmo procedimento para o total das treze regiões mapeadas, sendo cinco delas na América Latina e oito na Europa. O investimento tencionado consistiu em identificar um especialista ou um grupo de estudiosos de países vizinhos e compreender como determinadas regiões

apresentam porosidade ou reciprocidade nas trocas culturais entre os agrupamentos de torcedores. Em seguida, a identificação tornou possível delinear aspectos estruturais e conjunturais da área selecionada, do país envolvido, bem como do futebol e do clube em questão, indo do geral ao particular, do espacial ao temporal.

O quadro acima apresentado reflete as dinâmicas de constituição das identidades coletivas que o profissionalismo esportivo engendra em escala transnacional. O recorte no âmbito latino-americano e europeu, ainda que amplo e distendido territorialmente, traz insumos para a compreensão desses estilos de torcer na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que reflete e filtra em seu microcosmo cultural as tensões econômico-sociais e as forças geopolíticas do século XXI e de seu mundo globalizado.

Texto recebido em março de 2023

Referências

Bibliografia

- AGUILAR Onésimo, 2022, *"La barra nunca pierde": performance del conflicto y política en las hinchadas de fútbol*. São José, Editorial de la Universidad Nacional de Costa Rica.
- ALABARCES Pablo (org.), 2008, *Hinchadas*. Buenos Aires, Prometeo Libros.
- ANDERSSON Torbjörn, 2009, "Football in Scandinavia: a fusion of welfare policy and the market", *Soccer & Society*, n. 19, vol. 3-4, p. 299-304. DOI : [10.1080/146609709027711365](https://doi.org/10.1080/146609709027711365)
- ARCHAMBAULT Fabien, 2013, "Le continent du football", *Cahiers des Amériques latines*, n. 74, p. 1-17. DOI : [10.4000/cal.2963](https://doi.org/10.4000/cal.2963)
- ARCHAMBAULT Fabien, BEAUD Stéphane & GASPARINI William (org.), 2018, *Le football des nations : des terrains de jeu aux communautés imaginées*, Paris, Éditions de la Sorbonne.
- ARCHETTI Eduardo, 1999, *Masculinities: Football, Polo and Tango in Argentina*, Oxford, Berg.
- ATASOY Fatih, 2020, "Stadium as a topophilic space", *Journal of ROL Sport Sciences*, vol. 1, n. 1, p. 38-65. DOI : [10.29228/roljournal.45512](https://doi.org/10.29228/roljournal.45512)
- BALE John, 1993, *Sport, Space, and the City*, Londres, Routledge.
- CABRERA Nicolas, 2022, *Que la cuenten como quieran: pelear, viajar y alentar en una barra del fútbol argentino*, Buenos Aires, Prometeo Libros.
- CLELAND Jamie & GIULIANOTTI Richard, 2015, *A Sociology of Football in a Global Context*, Londres, Routledge.
- CANCLINI Néstor García, 1997, *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, EDUSP.
- CORREIA Mickaël, 2018, *Une histoire populaire du football*, Paris, La Découverte.
- DUNNING Eric, 2002, *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*, Dublin, University College Dublin Press.
- FINCOEUR Bertrand, 2008, "Football et sécurité en Belgique : formes et transformations", em Thomas BUSSET & Christophe JACCOUD (org.), *Le football à l'épreuve de la violence et de l'extrémisme*, Lausanne, Antipodes.
- GIULIANOTTI Richard, 1999, "Hooligans and Carnival Fans: Scottish Football Supporter Cultures", dans Gary ARMSTRONG & Richard GIULIANOTTI (org.), *Football Cultures and Identities*, Londres, Macmillan.
- HERD Katarzyna, 2022, "Pitch Fever: Swedish Football and the Politics of Grass", em David RANC & Albrecht SONNTAG (org.), *The Political Football Stadium: Identity, Discourses and Power Struggles*, Londres, Macmillan.
- HOLLANDA Bernardo Buarque de & REIS Heloisa Baldy (org.), 2014, *Hooliganismo e Copa de 2014*, Rio de Janeiro, 7Letras.

- HOLLANDA Bernardo Buarque de & AGUILAR, Onésimo (org.), 2017, *Torcidas organizadas na América latina: estudos contemporâneos*, Rio de Janeiro, 7Letras.
- HOLLANDA Bernardo Buarque de & BUSSET Thomas (org.), 2023, *Football Fandom in Europe and Latin America: Culture, Politics, and Violence in the 21st Century*, Londres, Palgrave Macmillan.
- KOLLER Christian, 2018, "Les spectateurs du football suisse : des débuts à la Seconde Guerre mondiale" em Thomas Busset (org.), *En marge des grands : le football en Belgique et en Suisse*, Bern, Peter Lang.
- KOLLER Christian & BRÄNDLE Fabian, 2015, *Goal! A Cultural and Social History of Modern Football*, Washington D. C., The Catholic University of America Press.
- LESTRELIN Ludovic, 2022, *Sociologie des supporters*, Paris, Éditions de la Découverte.
- LÉVI-STRAUSS Claude, 1990, *O pensamento selvagem*, São Paulo, Papirus.
- LOPES Felipe, 2019, *Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social*, Curitiba, CRV.
- LOPES Felipe & TEIXEIRA Rosana da Câmara, 2018, "Reflexões sobre o 'Projeto Torcedor' alemão", *Revista de Antropologia*, vol. 61, n. 3, p. 130-161.
- LOUIS Sébastien, 2006, *Le phénomène ultras en Italie: historique du mouvement des groupes de supporters-ultras de 1968 à 2005*, Prefácio de Christian Bromberger, Paris, Mare & Martin, DL.
- LOUIS Sébastien, 2017, *Ultras : les autres protagonistes du football*, Paris, Mare & Martin, 2017.
- MAGAZINE Roger, 2007, *Golden and Blue Like My Heart: Masculinity, Youth and Power Among Soccer Fans in Mexico City*, Tuscon, The University of Arizona Press.
- MOREIRA Verônica, SOTO-LAGOS Rodrigo, 2013, "Prácticas y representaciones en el fútbol: estudio comparativo de los recorridos académicos entre Chile y Argentina", *España plural*, ano XIV, n. 29, p. 219-245.
- NUMERATO Dino, 2018, *Football Fans, Activism and Social Change*, Londres, Routledge.
- ORTIZ Renato, 2003, *Mundialização e cultura*, São Paulo, Brasiliense.
- PANFICHI Aldo, 2016, *Ese gol existe: una mirada al Perú a través del fútbol*, Lima, Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.
- RADMANN Aage, 2015, "Hit and tell - Swedish hooligan narratives", *Sport in society*, vol. 18, n. 2, p. 202-218. DOI : 10.1080/17430437.2013.854476
- RANC David, 2012, *Foreign Players and Football Supporters: The Old Firm, Arsenal, Paris Saint-Germain*, Manchester, Manchester University Press.
- ROMERO Amílcar, 1994, *Las barras bravas y la "contrasociedad deportiva"*, Buenos Aires, CEA.
- SPAAIJ Ramon, 2006, *Understanding Football Hooliganism: A Comparison of Six Western European Football Clubs*, Amsterdã, Amsterdam University Press.
- SEABRA Daniel, 2019, *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*, Porto, Afrontamento.
- TEIXEIRA Rosana da Câmara; HOLLANDA Bernardo Buarque Borges de, 2018, "The spectacle of soccer and fan associativism in Brazil: trajectories and perspectives", dans J.-M de Waele, S. Gibril, E. Glorizova, R. Spaaij (org.), *The Palgrave International Handbook of Football and Politics*, Londres, Palgrave Macmillan, p. 485-503.
- TREGOURES Loïc, 2019, *Le football dans le chaos yougoslave*, Paris, Non Lieu.
- VIÑAS Carles, 2005, *El mundo ultra: los radicales del fútbol español*, Madrid, Temas de Hoy.
- WITTERSHEIM Éric, 2014, *Supporters du PSG : une enquête des les tribunes populaires du Parc de Princes*, Paris, Le Bord de l'eau.